

ILIDÍO DO AMARAL

# ÁFRICA

**INFORMAÇÕES,  
NOTAS DE LEITURA,  
COMENTÁRIOS,  
ESTATÍSTICAS,  
& ETC.**

Estudos de Geografia das Regiões Tropicais-14

Miles  
0 200 400 600

Centro de Estudos Geográficos

Lisboa, 1983

Reunem-se aqui, tal como o subtítulo sugere, diversas informações sobre a África, que consideramos de interesse para os estudiosos da sua geografia e outras disciplinas afins:

|                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| I. Organizações africanas ..... | p. 1  |
| II. Bibliografias .....         | p. 11 |
| III. Textos em revistas .....   | p. 18 |
| IV. Livros e colecções .....    | p. 24 |
| V. Estatísticas .....           | p. 45 |

Correspondem a uma selecção de notas de leituras que efectuamos recentemente, e que assim oferecemos.

*Índice do Anuário*

Lisboa, Maio de 1983



I.

## ORGANIZAÇÕES AFRICANAS

### 1. Centro Internacional de Civilizações Bantas (CICIBA)

Proposto pelo Gabão, o Centro foi criado em Libreville, na sequência da primeira conferência dos Ministros da Cultura dos países da zona banta, realizada naquela cidade de 5 a 9 de Julho de 1982. Constitui assim um dos mais recentes organismos internacionais no continente africano. Da primeira página de L'Union. Quotidien Gabonais d'Information extraímos o texto seguinte e o mapa que o acompanha:

"O Gabão honra-se de acolher, reunidos aqui pela primeira vez, os representantes do Mundo banto, que agrupa perto de 150 milhões de pessoas, distribuídas sobre a maior parte do continente africano. No decorrer dos poucos dias de reuniões teremos de redefinir uma civilização comum, com base num sistema de valores autênticos, de justificações próprias. Apesar da grande diversidade das nossas tribus, das nossas etnias, dos nossos povos, encaminhamo-nos inexoravelmente para o nacionalismo dentro de fronteiras, para a cooperação regional e a unidade panafricana, ligados por parentescos de sangue, de cultura, de religião e de filosoo

.../...

fia. O nosso renascimento será árduo porque, desde há séculos, as ideias e as instituições impostas pela Europa impregnaram as nossas gerações de camponeses e de intelectuais. Mas para nós é absolutamente indispensável forjar uma identidade africana num universo moderno em que a força tecnológica esmaga sem piedade todos os nossos valores e as nossas tradições. Ser-nos-á preciso reencontrar a antiga força vital dos nossos ancestrais, retomar os antigos cânticos de amor e de esperança, redescobrir enfim os fundamentos espirituais que fizeram a glória e a perenidade das nossas sociedades africanas.

O Centro Internacional de Civilizações Bantas, de que o Gabão se felicita pela iniciativa, tomou como missão fundamental a defesa e promoção da continuidade dessa civilização comum. "O que é meu morre, o que é nosso sobrevive", diz um velho ditado africano. Neste espírito pretendemos reavivar a criação artística e literária, regenerar a música, a dança, a escultura, a história, a língua, o teatro, expressões vigorosas da nossa identidade. A África independente não tem o direito de esquecer que ela deve a sua liberdade política à conquista prévia da liberdade espiritual. Os mais velhos precederam-nos nessa via real: Léopold Sédar Senghor que visava a "civilização do universal", Hamadou Hampaté Bâ preocupado com o desaparecimento progressivo dos nossos quimbandas e dos nossos contadores de histórias - a memória da África, e Julius Nyerere, pragmático e lúcido, procurando uma igualdade autêntica pelo caminho da propriedade comunitária e da partilha colectiva.

Que esta primeira Conferência seja uma saudação e uma homenagem da alma africana a todos aqueles que nos abriram o caminho e que, vivos ou desaparecidos, nos trouxeram o apadrinhamento da sua glória. Que este encontro nos permita levar a bom termo a nossa missão de retorno às origens e de difusão dos valores morais e das riquezas culturais próprias da nossa civilização banta. Ser-nos-á necessário não só reafirmar a nossa identidade, como ainda consolidar a nossa unidade num Mundo precário em que, infelizmente, a força das armas se sobrepõe à sabedoria, à paz e à fraternidade".

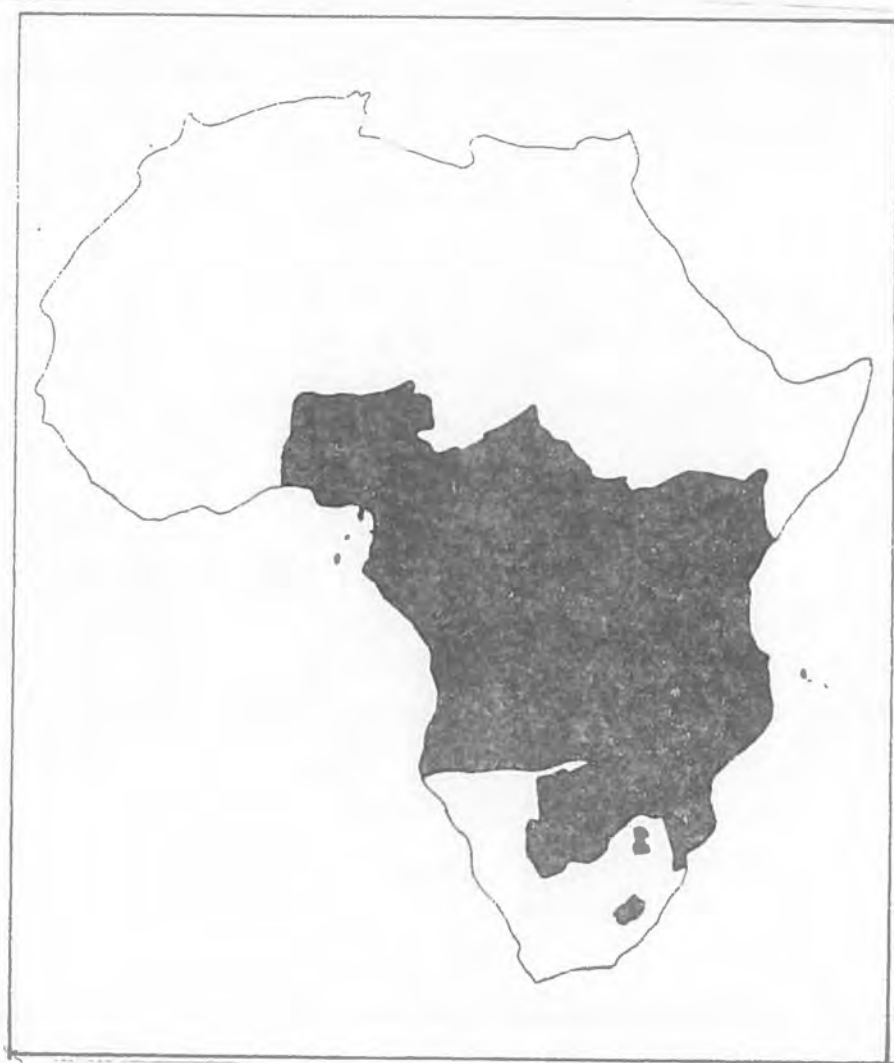
Uma Associação criada na mesma altura, sem fins lucrativos, convida a adesão de indivíduos, de organismos internacionais ou Estados, de investigadores e de docentes que acreditem na cooperação internacional como forma possível de libertação dos condicionamentos que entravam o desenvolvimento, a afirmação da dignidade e identidade do homem negro. O estatuto da Associação, cuja sede fica em Libreville, B. P. 3429, mas que poderá ser transferida para outro local, desde que necessário, tem vinte artigos de definições gerais sobre os seus objectivos, a categoria e qualidade dos membros, a composição e funcionamento das comissões e dos conselhos, a aquisição de recursos financeiros, etc.: o último prevê a elaboração de um regulamento interno para assegurar a execução das tarefas que forem definidas.

No discurso de abertura da primeira Conferência dos Ministros da Cultura dos países da zona banta, da autoria do Presidente do Gabão, recordava-se o importante papel desempenhado pelo Congresso dos escritores e artistas negros, realizado em Paris, na Sorbonne, em 1956. No texto destacam-se algumas afirmações, aqui transcritas. "No nosso século, esmagado sob os números, dominado por uma crise económica e monetária mundial extremamente grave, eufórica com cálculos, estatísticas e proezas técnicas, pode parecer surpreendente, até mesmo paradoxal, que se consagre uma Conferência a uma civilização pré-industrial, se abra um Centro Internacional de Civilizações Bantas, incapaz de agir sobre as cotações do dólar ou das matérias primas. O famoso diálogo Norte-Sul, ele mesmo talvez não encontre aí senão um modesto lugar. Os peritos internacionais, um olho sobre as contas, o outro sobre a balança comercial, prefeririam, sem dúvida, que dedicássemos todos os nossos recursos à economia e às especulações financeiras, monetárias ou industriais". Prosseguindo, no discurso se acentua que, sem rejeitar o progresso, o qual também implica a satisfação das necessidades elementares do homem, assegurando-lhe a alimentação regular e suficiente, uma habitação decente, é o próprio Homem, dotado de uma natureza complexa, que espera outras coisas; no seu corpo residem uma inteligência, uma alma, e elas não se alimentam de substâncias materiais, mas de sonhos e de esperanças, de recordações e de história. Cultura e passado colectivo são a fonte elementar, a razão profunda de toda a vida, cuja defesa assegura a continuidade da civilização, a sua transmissão. O Mundo banto, com cerca de 150 milhões de pessoas, desde as faixas sudanesas até ao Cabo, banhado pelo Atlântico ao ocidente e pelo Índico ao oriente, inclui povos diversos, unidos por vários tipos de parentescos, e pela sua imensa antiguidade; constitui uma das grandes entidades humanas deste século e nomeadamente da África.

Estiveram representados os países mencionados no quadro em anexo e vários organismos internacionais (ACCT, ICA, OUA, UNESCO), que exprimiram o seu apoio ao projecto do Centro. As delegações acordaram na seguinte estratégia: 1) realização de um Colóquio de especialistas sobre assuntos africanos, para proporem um programa de acção a curto (1983-1985) e a longo prazo, as estruturas adequadas para o lançamento de actividades do CICIBA e o seu financiamento;

.../...

2) convocação da segunda Conferência dos Ministros da Cultura dos países da zona banta, para se apreciarem e homologarem os resultados do Colóquio anteriormente referido. Marcadas para os finais de 1982, as reuniões tiveram de ser transferidas para Janeiro de 1983. Tivemos a grata surpresa de receber um convite para colaborar no grupo de especialistas e a documentação preparada para ser discutida no Colóquio. Infelizmente, por diversos motivos, não tivemos a possibilidade de corresponder à solicitação.



| Nome de País        | Ano de independ. <sup>a</sup> | Capital     | Área<br>(1 000 Km <sup>2</sup> ) | População    |       | Língua(s) Oficial    |
|---------------------|-------------------------------|-------------|----------------------------------|--------------|-------|----------------------|
|                     |                               |             |                                  | (1 000 hab.) | d     |                      |
| Angola              | 1975                          | Luanda      | 1 246,7                          | 7 000        | 5,0   | Portuguesa           |
| Botswana            | 1966                          | Gaborone    | 600,4                            | 820          | 1,4   | Inglesa              |
| Burundi             | 1962                          | Bujumbura   | 27,8                             | 4 500        | 16,2  | Francesa/Kirundi     |
| Camarões            | 1960/1                        | Yaoundé     | 475,4                            | 8 500        | 17,9  | Francesa/Inglesa     |
| Centro-Africana, R  | 1960                          | Bangui      | 623,0                            | 2 100        | 3,4   | Francesa             |
| Comores             | 1975                          | Moroni      | 2,2                              | 335          | 152,3 | Francesa             |
| Congo               | 1960                          | Brazzaville | 342,0                            | 1 510        | 4,4   | Francesa             |
| Gabão               | 1960                          | Libreville  | 267,7                            | 551          | 2,1   | Francesa             |
| Guiné Equatorial    | 1968                          | Malabo      | 28,3                             | 360          | 1,3   | Espanhola            |
| Lesoto              | 1966                          | Maseru      | 30,4                             | 1 280        | 42,1  | Inglesa/Sesotho      |
| Malawi              | 1963                          | Lilongwe    | 118,5                            | 5 820        | 49,1  | Inglesa              |
| Moçambique          | 1975                          | Maputo      | 785,0                            | 12 100       | 15,5  | Portuguesa           |
| Nigéria             | 1960                          | Lagos       | 924,0                            | 77 000       | 83,5  | Inglesa              |
| Quênia              | 1963                          | Nairobi     | 582,7                            | 15 300       | 26,3  | Inglesa/Suaíli       |
| Ruanda              | 1962                          | Kigali      | 26,3                             | 5 455        | 198,4 | Francesa/Kinyaruanda |
| São Tomé e Príncipe | 1975                          | S. Tomé     | 0,96                             | 85           | 88,2  | Portuguesa           |
| Suazilândia         | 1968                          | Mbabane     | 17,4                             | 547          | 31,4  | Inglesa/Suazi        |
| Tanzânia            | 1961                          | Dodoma      | 945,1                            | 17 982       | 19,0  | Inglesa/Suaíli/Árabe |
| Uganda              | 1962                          | Kampala     | 236,0                            | 13 225       | 56,0  | Inglesa              |
| Zaire               | 1960                          | Kinshasa    | 2 345,4                          | 28 300       | 12,1  | Francesa             |
| Zâmbia              | 1964                          | Lusaka      | 752,6                            | 5 650        | 7,5   | Inglesa              |
| Zimbabue            | 1980                          | Harare      | 390,6                            | 7 480        | 19,2  | Inglesa              |
| T O T A L           | -                             | -           | 10 766,16                        | 215 600      | -     | -                    |



## 2. Conselho para o Desenvolvimento da Investigação Económica e Social em África (CODESRIA)

Em 1963 criava-se uma Conferência dos directores de instituições para a investigação económica e social em África que, em 1973, daria lugar a um Conselho, a CODERESA, cujos objectivos principais podem ser assim resumidos: promoção de actividades de investigação e de formação nos domínios do desenvolvimento económico e social, para uma melhor compreensão dos problemas africanos; facilitar as permutas de investigadores, tanto entre os países do continente, como entre eles e os de outros continentes, nomeadamente do Terceiro Mundo. As tarefas propostas arrumavam-se em oito programas fundamentais: definição de métodos interdisciplinares em actividades de planeamento; formas de cooperação e integração económica; processos de industrialização e distribuição dos produtos; problemas particulares dos países sem litorais e dos menos desenvolvidos; relações entre política demográfica e desenvolvimento económico; actividades e desenvolvimento rurais; problemas monetários; sociologia do desenvolvimento.

O Conselho que dá pela sigla de CODESRIA substituiu o anterior, com novas modalidades de actuação. Assim, foram criados dois tipos de grupos de trabalhos: a) os nacionais que se reúnem periodicamente, para fazerem a análise crítica dos processos de desenvolvimento nos respectivos países e para identificarem os temas que deverão ser objectos de investigações mais aprofundadas (por exemplo, desenvolvimento rural, sociologia do desenvolvimento, demografia e desenvolvimento); b) os multinacionais, consagrando-se a determinados temas de estudo (ciências sociais e desenvolvimento, ciência e tecnologia, educação e desenvolvimento, etc.). Sem prejuízo dos estudos desses grupos, também se têm organizado seminários e outros tipos de reuniões, numa média de cinco por ano, em diversos centros africanos. O Conselho, sediado em Dacar, B. P. 3304, conta com cerca de sessenta membros, representando uns trinta países.



Ainda que a Comissão Executiva e o Secretariado desempenhem papéis importantes quando se trata da identificação dos temas de investigação prioritária, dos contactos entre os investigadores e da organização dos grupos de trabalho, o Conselho deixa suficiente autonomia a cada um destes grupos para definirem os seus programas. Por outras palavras, o Conselho procura ser, sobretudo, o órgão coordenador. Do programa geral estabelecido para 1982 ressaltavam os seguintes pontos:

1. Projecto CODESRIA/CAFRAD (Centro Africano de Formação e de Investigação Administrativa para o Desenvolvimento), com dois grupos de trabalho: urbanização e formação de classes; desenvolvimento rural e política alimentar.
2. Funcionamento de centros e redes regionais: Conferências universitárias da África meridional (Lusaka, em 1978, Dar-es-Salaam, em 1979, Botswana, em 1980), com a participação de diversos países (Tanzânia, Zaire, Zâmbia, Moçambique, Botswana, Lesoto, Suazilândia, Angola) reunidos numa Associação com estatuto próprio; estão propostas outras para a África Oriental, a África Ocidental e também para a Setentrional.
3. Elaboração de propostas de programas de estudos superiores em Ciências sociais, procurando-se que as várias universidades africanas se interessem pelo lançamento de currículos regionais, de 3º ciclo, com base nalguns temas seleccionados.
4. Grupos de trabalhos, a maior parte dos quais já está em segunda fase de actividades, para o estudo de determinados problemas; industrialização e distribuição dos produtos; ciência, tecnologia e desenvolvimento; urbanização e formação de classes; desenvolvimento rural e políticas alimentares; problemas monetários; cooperação e integração económica; cultura e desenvolvimento; história económica; tecnologia e industrialização; investigação em ciências sociais e do desenvolvimento.
5. Projectos específicos de pesquisa, tais como do papel das multinacionais na agricultura africana; do impacto das organizações internacio-

nais nas estratégias do desenvolvimento; migrações, população activa e desenvolvimento económico.

6. Outros projectos, como o do estabelecimento e implementação de redes de informação entre as instituições voltadas para a pesquisa científica, da reinserção de investigadores africanos no seu continente, etc.

O Conselho mantém séries de publicações, das quais destacamos a revista trimestral Afrique et Développement (dando notícia dos resultados de trabalhos de investigação) e o boletim, também trimestral, Africana (informações gerais sobre as actividades das instituições, dos investigadores independentes ou de grupos; sobre os diversos tipos de reuniões), ambos bilingues; ainda existem o Annuaire de la Recherche sur le Développement en Afrique, o Inventaire des Spécialistes Africains en Sciences Sociales e um Répertoire des Instituts Africains de Recherche. Vários documentos de trabalho, notas ocasionais dos diferentes grupos, livros e outras formas de textos dão a imagem da importância assumida pelo Conselho. Ele está ligado a instituições de outros continentes, como a AIDAP, ou "Associação dos Institutos de Investigação e de Formação em matéria de Desenvolvimento para a Ásia e o Pacífico" (criada em 1971), a AICARDES, isto é, "Associação Europeia dos Institutos e Centros Árabes de Investigação para o Desenvolvimento Económico e Social" (1977), ao CLASCO, sigla de "Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais" (1967), a AEID, ou "Associação Europeia dos Institutos de Investigação em matéria de Desenvolvimento" (1975) que, no conjunto, estão integrados numa rede internacional. A CICAD, ou "Comissão Inter-regional de Coordenação das Associações de Desenvolvimento" promove os meios para essa cooperação, sob a égide do Centro de Desenvolvimento da OCDE (criado em 1962), que lhe dá apoio técnico, publica relatórios de projectos cooperativos, anuários e o Bulletin de liaison entre Instituts de Recherche et de Formation en matière de Développement.

.../...

### 3. Instituto Africano de Planeamento Económico e Desenvolvimento (IPED)

Pertencente ao grupo de instituições regionais no âmbito das Nações Unidas, foi criado em 1964, com um programa definido por um certo número de princípios, dos quais referiremos os mais importantes.

A teoria do desenvolvimento, então prevalecente, era a de que existiam relações hierárquicas entre as diferentes sociedades e países, os mais desenvolvidos (com os EUA a cabeça) nos primeiros lugares, e depois os menos desenvolvidos, classificados de acordo com os seus níveis de desenvolvimento. Nesta perspectiva, o "desenvolvimento" era concomitante com a ascensão, por etapas sucessivas, nessa escala hierárquica e qualquer esforço de desenvolvimento implicaria sobretudo, a injeção de factores supostos favoráveis, dos países mais avançados naqueles de economias menos desenvolvidas. O rápido crescimento da economia mundial entre os anos de 1950 e 1970 criou a ilusão de que essas contribuições seriam efectiva e potencialmente mais importantes que as tentativas da correcta avaliação das capacidades daqueles últimos em as absorverem. Pelo facto de a maior parte dos países africanos sō terem ascendido à independência no início dos anos de 1960, pareceu necessário dar prioridade a formação de pessoal local, destinado a substituir os quadros das antigas metrópoles. Tratava-se então de transmitir as técnicas e os conhecimentos dos países mais desenvolvidos, sem a preocupação da avaliação das condições locais e particulares.

Os resultados ao cabo do primeiro decénio de desenvolvimento demonstrariam não sō a complexidade dos problemas com ele relacionados, como também a inutilidade dos esforços empreendidos com vista a aplicação quase exclusiva de conceitos e técnicas elaboradas no exterior. Tornou-se clara a urgência de uma reorientação dos esforços. Reconheceu-se que o problema da formação não residia apenas na forma, mas também no conteúdo do ensino; que urgia a procura de soluções para os problemas locais específicos.

No decorrer dos últimos decénios a África tem passado por importantes transformações políticas, económicas e sociais, de que se recordam apenas algumas. A crescente diversidade dos tipos de desenvolvimento regional, a disparida



de dos modelos políticos e dos estilos de desenvolvimento, as diferenças de ideologias e de estratégias de base tem provado como o crescimento económico e o progresso social não podem ser encarados através de uma única perspectiva. A evidente falta de paralelismo entre os dois demonstra que não basta a expansão da produção para a melhoria das condições de vida. A pobreza das massas, o aumento do desemprego e do subemprego, a ausência de participação social, a concentração dos rendimentos são, muitas vezes, os subprodutos de um crescimento económico rápido e desequilibrado. O aparecimento de uma nova vaga de dirigentes políticos, de intelectuais e universitários, com melhores conhecimentos dos problemas dos seus países, tem sido acompanhado da revisão de conceitos e processos de actualização. A preocupação de se encontrarem posições regionais comuns, nas reuniões em organismos internacionais, tornou-se tão importante como o estudo de problemas relativos à transferência de tecnologia, à demografia e à utilização dos recursos naturais.

Os países africanos têm procurado agir em concerto e conjunção com outros países em vias de desenvolvimento, com o objectivo de assegurarem as suas autonomias e reduzirem as situações de dependência tradicionais em relação aos países desenvolvidos. As agências das Nações Unidas, pela sua vocação, podem oferecer os lugares privilegiados para os encontros e o diálogo aberto sobre os problemas que afectam o desenvolvimento da África.

II.

B I B L I O G R A F I A S

1. Maryse GAUDIER, Afrique 2000. Une bibliographie analytique sur les propositions africaines pour le XXIe. siècle. Genebra, Institut International d'Études Sociales, 1982, 313 p.

É o quinto volume da série de bibliografias preparadas nesse Instituto; a este se associa a OUA, Adis-Abeba. Estão referenciados 1 769 títulos, cobrindo um elevado número de domínios das ciências humanas e sociais. As obras dos capítulos primeiro e segundo, "As duas faces da África" e "Os africanos falam do seu futuro", foram agrupados com o objectivo de fornecerem abordagens do passado, do presente e do futuro do continente. Os capítulos seguintes reúnem títulos sobre o desenvolvimento endógeno e autosuficiência (capítulo 3), a exploração dos recursos (capítulo 4), o domínio do ambiente (capítulo 5), a identidade cultural (capítulo 6) e a criação de solidariedades activas (capítulo 7).

Com tal apresentação a Autora quis oferecer, certamente, uma proposta mais próxima da realidade africana que aquela outra formulada pela OUA no Plano de Acção de Lagos para o Desenvolvimento da África, 1980-2000, cujos títulos

são os seguintes: a autosuficiência alimentar, a autonomia industrial, a valorização dos recursos, o desenvolvimento científico e técnico, o domínio do ambiente, a educação, a cooperação africana e o papel da África na instauração de uma nova Ordem internacional. No início de cada capítulo de África 2000 um texto de introdução, repleto de citações e ditados africanos, prepara o leitor menos informado, ou mal informado, para a apreciação da sabedoria africana. É um livro de referência importante, de consulta proveitosa, que se junta aos outros a seguir mencionados: 1. M. GAUDIER, La maîtrise sociale des besoins et des nouvelles exigences de la coopération internationale: orientations bibliographiques sur les perspectives d'un autre développement, 1979, 105 p.; 2. G. FRANK e R.-M. GREVE, Woman, work and society: a selected bibliography, 1970-1980. / Femme, travail et société: bibliographie selective, 1970-1980, 1980, 99 p.; 3. M. GAUDIER, Les besoins essentiels. Nouvelles priorités des stratégies de développement du Tiers Monde. Bibliographie analytique. / Basic needs. New priorities of the Development Strategies of the Third World. Analytical bibliography, 1980, 234 p.; 4. M. GAUDIER, Workers' participation in management. Selected bibliography 1977-1979. / La participation des travailleurs à la gestion des entreprises. Bibliographie sélective 1977-1979, 1981, 176 p.

2. "Bibliography: World Refugee Movements 1970-1980". Genève-Afrique, Genebra, XX (1), 1982, pp. 129-144.

Trata-se de uma reimpressão do documento publicado em Transnational Perspectives: "Human Rights, War and Mass Exodus", de Sadruddin Aga Khan, preparado como uma das partes de um estudo da Comissão dos Direitos Humanos, da ONU. Contém cerca de 300 títulos (na sua primeira parte), além da relação de documentos e livros de referência (pp. 139-144) acerca do tema. Por ocasião do 20º aniversário da Genève-Afrique, revista da "Sociedade Suíça de Estudos Africanos", os seus responsáveis resolveram dedicar um número ao problema dos refugiados africanos, de que a importância e a gravidade se têm tornado cada vez maiores. Actualmente estima-se que o número total se eleve a cerca de 5 milhões o que, tendo em conta a população do continente, dará 1 refugiado por cada 100 habitantes !



3. A propósito da obra anterior aproveitamos citar Refugee Abstracts, iniciados em 1982, pelo International Refugee Integration Resource Center" (IRIRC)

Procura reunir, de forma sistemática, toda a informação sobre os refugiados. A constituição do IRIRC foi proposta na Conferência das Nações Unidas para a integração dos refugiados indochineses (Outubro de 1980). Os cerca de 10 milhões de refugiados no Mundo não representam apenas uma situação alarmante de miséria, de intolerância política, religiosa e étnica, mas também uma taxa inquietante de injustiça, de dramas familiares e de repressão política. Anunciada com quatro números por ano, Refugee Abstracts transmite aos leitores referências de livros e revistas sobre o assunto, curtas resenhas, indicações sobre outros tipos de documentos, anúncios de organizações humanitárias internacionais.

4. Jean COPANS, "Les classes ouvrières d'Afrique noire. Bibliographie sélectionnée, classée et commentée". Cahiers d'Études africaines, Paris, 81-83, XXI (1-3), 1981, pp. 405-429.

Incluída no volume dos Cahiers... dedicado a Villes africaines au microscope, também constitui um documento de base importante, para domínios ainda pouco explorados, muito embora a literatura sobre as classes operárias em África tenha perto de meio século (recordemos J. M. DAVIS, Modern Industries and the African ..., Londres, 1933) e nos últimos decênios tenham surgido numerosas contribuições e do maior interesse.

A primeira parte, "Points de repères concernant les classes ouvrières occidentales", como o título revela, inclui obras gerais, consideradas como necessárias para a apreciação dos problemas da "modernização" na África negra: formação da classe operária, trabalho industrial e formas de exploração de energia e de mão-de-obra. A segunda, "Bibliographies et sources d'information" já contém numerosas referências aos aspectos africanos nos domínios do trabalho e do sindicalismo. A bibliografia de B. MIKKELSEN, Industrial labour in Africa: A Partially

Annotated Bibliography. Uppsala, Scandinavian Institut of African Studies, 1979, 59 p., com os seus 500 títulos, é tida como uma fonte essencial de consulta. Outros trabalhos, sobretudo referidos a vários países e temas africanos (Ghana, Nigéria, Tanzânia, África do Sul, etc.), fazem parte da listagem. Acrescentamos "Current Africana", publicada desde 1974 pela Review of African Political Economy, com abundantes informações, nomeadamente no que toca aos problemas do trabalho e aos movimentos sociais.

Na terceira parte, "Eléments pour une anthropologie industrielle", o Autor recorda as várias perspectivas disciplinares que aí se entrecruzam, dificultando, por vezes, a melhor definição teórica e metodológica desta orientação das pesquisas científicas. Por isso mesmo reúne textos de variadas proveniências mas com a virtude de oferecerem dados fundamentais para a reflexão que se impõe. É dado um certo destaque a P. LUBECK, "The value of Multiple Methods in Researching Third World Strikes: A Nigerian example", Development and Change, Haia, X (2), pp. 301-319. Juntaríamos W. SMITH, "Industrial Sociology in Africa: Foundations and Prospects", The Journal of Modern African Studies, VI (1), 1968, pp. 81-95. Na quarta parte, "La classe ouvrière africaine: introductions, interprétations", é posta em evidência a falta de estudos capazes de serem apontados como boas introduções da matéria. Contudo, alguns trabalhos desempenham essas funções. Sirvam como exemplos P. C. W. GUTKIND, Bibliography on Unemployment with Special Reference to Africa, Montreal, McGill University, Centre for Developing Area Studies, Bibliography Series 8, 1977, 76 p., e R. SANDBROOK, R. COHEN (editores), The Development of an African Working Class: Studies in Class Formation and Action, Londres, Longman, 1975, X + 330 p., com 17 contribuições e uma bibliografia especial (pp. 317-323).

Da quinta parte, a de maior número de referências bibliográficas (pp.415-422), "Histoire, Sociologie du Travail et des travailleurs", sobressaem a abundância e valor desigual das obras, em particular no campo da História, o que terá dificultado a selecção final. Como nos outros capítulos, também aqui é nítida a predominância dos autores e títulos de língua inglesa, não são de textos sobre as antigas colónias britânicas, mas também de outras. O sector da sociologia está menos bem representado. O Autor divide esta parte em dois subtemas: o operário na cidade, e o operário na fábrica. No primeiro, com inúmeros exemplos de

estudos de antropologia urbana, são citados os nomes bem conhecidos de G. Balandier, E. Epstein, J. C. Mitchell, M. Gluckman, entre outros, numa época já considerada histórica; de R. Sandbrook, P. Lubeck, A. Peace e muitos mais, investigadores de realidades dos anos de 1970 e mais recentes. A sexta parte, "Actions et conséquences ouvrières: Grèves, syndicalisme, culture politique", estabelece uma lista de contribuições sobre a classe trabalhadora como mudança social e das ordens estabelecidas, colonial e post-colonial (pp. 424-429). Entre os títulos de maior relevo estão como exemplos, P.C.W. GUTKIND, R. COHEN, J. COPANS (editores), African Labour History, Berkeley Calif., Sage, 1978, 280 p., Yves PERSON, "Les syndicats en Afrique noire", Le Mois en Afrique, 172-173, 1980, pp. 22-46, P. WATERMANN, nomeadamente em "Third World Strikes: An Invitation to Discussion", Development and Change, VII(3), 1976, pp. 331-344. A este autor se deverá, certamente, o facto de ter levado mais longe a reflexão metodológica e política, a prática da discussão dos problemas em grupos de activistas e de especialistas, como está bem exemplificado em Can we Make African Labour History Relevant to African Labour History Makers? Notes on and Elements from an Attempt to Do so, Haia, Institut of Social Studies, 1979, 38 p.

5. C. DARCH, O.C. MASCARENHAS, Africa Index to Continental Periodical Literature, Munique, Nova Iorque, Londres, Hans Zell Publ., K.G. Saur, 1981, 191 p.

É o terceiro volume (inclui referências de 1980) de uma série criada em 1976, preparada pelo African Bibliography Centre (P.O. Box 35.132, Dar-es-Salaam), a cujos colaboradores se fica a dever o louvável trabalho da reunião e classificação dos artigos científicos, publicados por numerosas revistas editadas em diversos países africanos. Exceptuaram os responsáveis, por um lado, as revistas médicas, por outro lado, aquelas publicadas na antiga Rodésia e na República da África do Sul. Os títulos estão distribuídos por grandes temas tradicionais - agricultura, antropologia, demografia, economia, estatística, etc.; índices geográfico, de autores, de matérias permitem encontrar facilmente as informações bibliográficas. Em relação a alguns artigos há pequenas notas. Africa Index impõe-se como instrumento de trabalho indispensável.

A propósito desta obra recordamos a de C. TRAVIS e M. ALMAN, Periodicals



from Africa: A Bibliography and Union List of Periodicals Published in Africa, Boston (Mass.), G.K. Hall & Co., 1977, 619 p., com uma introdução, indicações acerca da situação dos periódicos em cada país africano, índices geográfico e de títulos.

6. René PÉLISSIER, Africana. Bibliographie sur l'Afrique luso-hispanophone, 1800-1980. Montamets, Orgeval, Editions Pélissier, 1980, 205 p.

O Autor reuniu num volume as suas crônicas bibliográficas publicadas na Revue française d'Études politiques africaines e em Genève-Afrique, entre 1965 e 1979, sobre as antigas possessões de Portugal e da Espanha em África. A iniciativa reveste-se do maior interesse, sobretudo para aqueles que estudam as áreas mencionadas. O primeiro capítulo é constituído especialmente por títulos de publicações da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, entre as quais o Autor teve a gentileza de destacar A ilha do Fogo e as suas erupções de O. Ribeiro, a Etnografia do Sudoeste de Angola, de C. ESTERMANN, Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens, de I. do AMARAL, etc. Os outros capítulos incluem referências de títulos sobre a guerra colonial, a descolonização e a independência dos vários territórios, da autoria de historiadores, geógrafos, politólogos, jornalistas, economistas e outros.

7. Isabel Maria Ferin CUNHA, Catálogo de Bibliografias existentes no Centro de Estudos Africanos, São Paulo, Centro de Estudos Africanos, Coordenadoria de Actividades Culturais da Universidade de São Paulo, 1982, 101 p.

Inclui indicações sobre diversas bibliografias em línguas portuguesa, francesa, inglesa e outras, existentes naquele Centro, de vários domínios do conhecimento e territórios, sendo a maioria de África. Devidamente classificadas, para cada uma das partes existem índices de assuntos, geográfico e de autores; cada um dos títulos merece uma pequena nota. Em relação ao nosso trabalho sobre A "Escola

.../...

geográfica de Lisboa" e a sua contribuição para o conhecimento geográfico das Regiões Tropicais, de 1979, a informação de "revisão até ao princípio do século" não é correcta, pois ela está feita até à data da sua publicação.

8. Ilídio do AMARAL, Bibliografia Geral de Cabo Verde. Anotada e Ilustrada, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1981, Volume II, 127 p. (policop.).

Integrado na Linha de Acção nº 5, "Estudos de Geografia das Regiões Tropicais" o projecto da preparação de documentos de base sobre as antigas possessões portuguesas tem divulgado alguns, entre os quais se conta aquele volume: população e formas de povoamento (94 títulos), saúde e assistência social (150 títulos), educação e cultura (198 títulos), com anotações e ilustrações (gráficos e mapas, quadros estatísticos, documentos literários de autores cabo-verdeanos). O primeiro volume - cartografia e toponímia, clima e tempo, geologia e geofísica - foi distribuído em 1980. Apenas se fizeram números restritos de exemplares.

9. Catálogo dos livros com interesse para o estudo de Moçambique, Maputo, CEDIMO, 1978, 194 p.

Catálogo dos periódicos e principais seriados editados em Moçambique (1854-1975), idem, 1980, 220 p.

Ambos do "Centro de Documentação e Informação de Moçambique" constituem valiosas fontes. No primeiro incluem-se cerca de 3 360 títulos, de livros, brochuras, separatas, dispostos por ordem alfabética. É pena a inexistência de índices de matérias e lugares, pois facilitariam a consulta. O segundo, de Ilídio Rocha, reúne e descreve 938 indicações de periódicos, dos quais 170 científicos e técnicos. Louvável iniciativa que, certamente, virá a ter continuação. Os estudos de Moçambique passaram a ter, deste modo, fontes de informação bibliográfica tão necessárias.

III.

TEXTOS EM REVISTAS

1. Por ocasião do seu 20º aniversário Genève-Afrique, revista da "Sociedade Suíça de Estudos Africanos", dedicou o primeiro número de 1982 ao problema dos refugiados africanos, que merece a maior atenção não só pelos totais envolvidos, mas também pelas suas consequências. Em 1960 a África contaria cerca de 200 000 refugiados: dos Camarões (desde Maio de 1955), da Argélia (1957), do Ruanda (1959), do Zaire (1960), de Angola (1961), etc. Actualmente, o valor total é de cerca de 5 milhões de deslocados. Deste modo pode bem dizer-se que disputa o primeiro lugar com o apartheid, na qualidade de problemas que preocupam cada vez mais a comunidade internacional, como ficou demonstrado na Conferência Internacional realizada em Genebra, em Abril de 1981, por iniciativa das Nações Unidas. A África, que nos finais do século passado, passou da calamidade da escravatura à total dominação colonial, entrará no novo século afundada em nova tragédia. A instabilidade crescente dos regimes políticos africanos contribue, sem dúvida, para o agravamento do problema. Mas os países que colonizaram a África também partilham dessa responsabilidade, por um lado, por não terem favorecido o

.../...

estabelecimento de regimes verdadeiramente democráticos nas suas antigas colónias, por outro lado, pelo facto de terem favorecido certas camadas sociais ou grupos étnicos porque melhor defendiam os seus interesses.

Daquele número de Genève-Afrique fazem parte textos de autores africanos, conhecedores, eles próprios, da condição de refugiado. Michel NDOH, jurista e dirigente da União das Populações dos Camarões (UPC), escreve sobre "Les réfugiés africains: statut juridique et réflexions" (pp. 9-38), apoiando-se essencialmente na Convenção de Genebra, de 28 de Julho de 1951 (revista pelo protocolo de 31 de Janeiro de 1967) e na Convenção Regional da OUA, de 10 de Setembro de 1969; analisa a questão sob o seu duplo aspecto jurídico e político, em três pontos - o direito comum dos refugiados (incluindo comentários à definição de "refugiado"), as especificidades africanas e as causas do êxodo dos refugiados. A jornalista Lorna DE SMITH, em "Home is not where the bed is..." (pp. 39-47), descreve as etapas do seu exílio, da África do Sul para o Botswana e depois para a Europa, os problemas agravados pela incompreensão, nomeadamente de algumas organizações internacionais; com o seu testemunho pessoal pretende dar exemplo do que significa "ser refugiado". O economista Jean SAYINZOGA, em "Les réfugiés rwandais: quelques repères historiques et réflexions socio-politiques" (pp. 49-72), relata as circunstâncias que forçaram tantos ruandeses a fugirem do seu país e analisa as diversas consequências desse êxodo; salienta também o papel negativo desempenhado pela antiga potência colonial, neste caso a Bélgica. De Eya NCHAMA, historiador e Secretário-Geral da Aliança Nacional de Restauração Democrática da Guiné Equatorial, "La décolonisation de la Guiné Equatorial et le problème des réfugiés" (pp. 73-128), ressaltam conclusões análogas, ao analisar o êxodo dos refugiados do seu país e a tomada do poder pela ditadura de Macias Nguema; ao mesmo tempo recorda como, antes da independência a Guiné Equatorial fora uma terra de asilo para refugiados cubanos, camaroneses, alemães, espanhóis e outros. A valiosa bibliografia "World Refugee Movements, 1970-1980", já foi referida noutro ponto deste trabalho.

A revista inclui ainda outros textos de interesse. Kalonji-T. ZEZEZE, linguísta, examina os efeitos das notícias de dois jornais franceses, L'Aurore e Figaro, a propósito da segunda guerra do Shaba (antigo Katanga) e da intervenção francesa - "La deuxième guerre du Shaba dans la presse 'pro-interventionniste' em France" (pp. 147-169) - num exercício de quantificação dos componen-



tes dos noticiários, da estratégia dos títulos, da fraseologia dos editoriais, etc. Roger CHARLTON, a propósito de um artigo de J.I. ELAIGWU, "Military Intervention in Politics: An African Perspective", Genève-Afrique, XIX (1), 1981, pp. 17-38, escreve "Military Intervention in Politics: some comments on J.I. Elaibwu's 'African Perspectives'", na secção de "Tribuna dos Leitores" (pp.172-176); afirma que, na prática, a militarização da política em África, como também noutros lados trouxe poucas vantagens claras mas, em contrapartida, muitas desvantagens "not the least of which remains the massive, tragic and persistent problem of refugees".

2. Cahiers d'Études africaines, da "École des Hautes Études en Sciences Sociales", de Paris, publicado com o apoio do CNRS, ofereceu mais um número temático, o 81-83, XXI(1-3), 1981, sobre Villes africaines au microscope, 454p., abundante ilustração e informações bibliográficas do maior interesse. O conjunto de artigos é dedicado a Paul Mercier e a Marc Vernière; a organização do volume ficou a dever-se a Jean-Marie Gibbal, Émile de Bris, Alain Marie, Annik Osmont e Gérard Salem, que assinam a Nota de introdução, "Situations urbaines et pratiques sociales en Afrique" (pp. 7-10) e o primeiro artigo, "Position de l'enquête anthropologique en milieu urbain africain" (pp. 11-24). Os textos estão distribuídos em seis secções: tipos de sociabilidade (6 trabalhos, pp. 25-127), sistemas residenciais (2, pp. 129-195), pequenas ocupações (4, pp. 197-250), redes profissionais (2, pp. 251-288), proletários ou marginais (2, pp. 289-374), e histórias de cidades (2, pp. 375-403).

A diversidade dos temas pretende cobrir, de certo modo, a complexa realidade do fenómeno urbano em África. São manifestas a feição comum da preferência pelo tratamento monográfico, a partir de uma cuidada observação qualitativa, e a intenção de se romper com as grandes construções teóricas que, muitas vezes, marcaram os estudos de Sociologia urbana. Em 1973 Cahiers d'Études africaines já consagrara o nº 51, XIII(3) às cidades africanas, sobretudo às transformações sociais e espaciais produzidas por uma urbanização acelerada. Nessa altura Paul Mercier e Gilles Sautter assinavam balanços que continuam válidos, nos quais propunham algumas orientações de pesquisas, umas monodisciplinares, tais como a análise antropológica dos meios sociais urbanos, ou das paisagens urbanas; outras nos domínios do cruzamento da Antropologia com a Geografia, como o estudo

das relações entre a cidade e o campo, dos processos migratórios e modos de inserção dos indivíduos nas cidades. Um e outro sublinhavam o facto de a cidade "aparecer, em primeiro lugar, como um campo fechado no qual se confrontavam um espaço interno e um espaço externo" (G. SAUTTER, "Recherches en cours sur les villes d'Afrique noire: thèmes et problèmes. Point de vue d'un géographe", pp. 405-416), e como, na sociedade urbana actual, se podiam distinguir "a renovação no quadro de agrupamentos aparentemente novos (...) de tipos de solidariedade e as principais funções asseguradas pelos grupos antigos, em particular os de linhagens (P. MERCIER, "Quelques remarques sur le développement des études urbaines", pp. 397-404).

No essencial, a atenção recai sobre os "espaços sociais", as práticas dos cidadãos em situações concretas, as suas reacções marginais perante a regulamentação, a imaginação social e a invenção de mecanismos de sobrevivência, a reinterpretação, em meio urbano, da utilização de espaços e de práticas sociais aperfeiçoadas, noutros tempos, nos ambientes rurais. Em quase todos os artigos são mais evidentes as preocupações com a "cidade real" que em relação à "cidade legal". Faltando, por vezes, as análises minuciosas dos mecanismos entre esses dois tipos, nem por isso os textos deixam de revelar aspectos da maior importancia e de indicar novas direcções de pesquisa para o melhor conhecimento dos mecanismos do fenómeno de urbanização em África, em particular no que diz respeito a aspectos como a marginalidade social e económica, as relações entre centro e periferia, interior e exterior, cidade e campo. Muitos tópicos ficaram mencionados para uma discussão sobre políticas urbanas, embora o tema não tivesse sido especificamente abordado. A maior virtude estará, certamente, no cuidado em se evitar a aplicação de modelos explicativos demasiado eurocentristas, para se procurar a compreensão dos problemas pela análise das realidades urbanas, tal como elas se apresentam, vistas de dentro e de baixo, e não, como se poderia imaginar, de fora e do alto.

Por vários motivos achamos interessante a reprodução dos títulos dos artigos. 1. Sociabilidades: Loin de Mango. Les Tiokossi de Lomé (J.M. GIBBAL); An instance of articulation from Northern Nigeria (P.M. LUBECK); Fonctions et activités des dahira mourides urbains, Sênégál (M.C. DIOP); Les Kedro de Bangui: un espace urbain "oublié" (M.-F. ADRIEN-RONGIER); Délinquance juvénile et urbanisation au Niger et au Nigeria (D. POITOU). 2. Sistemas residenciais: Contenu géographique et contenu social de la notion de résidence. Quelques réflexions à par

tir des résultats d'enquêtes biographiques effectuées à Lomé, Togo et Acra, Ghana (E. Le BRIS); Stratégies familiales, stratégies résidentielles en milieu urbain (A. OSMONT). 3. Pequenas ocupações ou ofícios: Les vélos de Kaolack (A. MORICE); Enquête sur les "tabliers" de Niamey: dépérissement et reconquête d'une ville (G. LAVAL); Les perspectives d'accumulation dans la petite industrie de transformation. L'exemple de la menuiserie métallique à Maradi, Niger (Em. GRÉGOIRE); Les restauratrices de la zone industrielle de Dakar, ou la guerre des marmites (M.B. DIOUF). 4. Redes profissionais: Étrangers, logeurs et patrons. L'improvisation social chez les commerçants soudanais de Lomé (M. AGIER); De la brousse sénégalaise au Boul'Mich: le système commercial mouride en France (G. SALEM). 5. Proletários ou marginais: Change and consciousness in urban Africa: African workers in transition (P.C.W. GUTKIND); Marginalité et conditions sociales du prolétariat urbain en Afrique. Les approches du concept de marginalité et son évaluation critique (A. MARIE). 6. Histórias das cidades: Les moments fondateurs de quelques villes coloniales (A. SINOU); Les métamorphoses urbaines d'un "double" villageois (J.-P. DOZON).

3. "Pôles d'États et frontières en Afrique contemporaine", de Jean GALLAIS, publicado em Les Cahiers d'Outre-Mer, Bordéus, 138, 1982, pp. 103-122, é a revisão do texto incluído no nº 15 de Cahiers géographiques de Rouen, do ano anterior, dedicado a estudos sobre "mobilidade, reservas de espaço e fronteiras, 1970-1980", na zona do Sahel. Constitui um artigo notável sob muitos pontos de vista. A África contemporânea, sobretudo ao norte do equador, é apresentada como uma área admirável para o estudo dos espaços caracterizados por interferência das ações humanas: desde aqueles de ocupação tradicional com os seus limites, aos que ficaram demarcados pelas fronteiras traçadas pelas Potências coloniais no início deste século. Dentro deles são definidas curiosas relações entre núcleos "etno-demográficos", polos estatais e estados modernos (fig. 1). Tendo em vista as condições humanas e culturais do Sahel, o trabalho desenvolve-se pelas seguintes alíneas: 1. Da faixa (tradicional) delimitante à fronteira (moderna); 2. do núcleo etno-demográfico ao polo estatal; 3. variedades de "contramodelos"; 4. destabilização e interpretação dos efeitos; 5. polos políticos, o papel do Islão; 6. movimentos regionalistas ou independentistas, conflitos de fronteiras. Segundo o Autor, ao referir-se aos conflitos que aí se eternizam, sem que apareça uma solução satisfatória, essa parte da África pode

comparar-se aos Balcãs do último século. Com o desaparecimento do Império colonial as etnias disputam entre si a hegemonia no quadro do Estado-nação. Cerca de trinta notas de rodapé e a ilustração enriquecem ainda mais o texto tão cheio de sugestões para outras abordagens dos temas propostos.

4. Afrique Contemporaine. Documents d'Afrique Noire et de Madagascar, revista bimestral publicada por Documentation Française, Centre d'Études et de Documentation sur l'Afrique et l'Outre-Mer, Paris, reservou espaços importantes dos seus números 106 (Novembro-Dezembro) de 1979 e 107 (Janeiro-Fevereiro) de 1980 à dita África lusófona. No primeiro contribuem R. PÉLISSIER, com "L'Afrique lusophone: problèmes et perspectives" (pp. 1-4, de duas colunas por página), B. LANNE, "L'Angola de 1975 à 1979" (pp. 5-8), P. BALMES, "Le Mozambique" (pp. 8-15) e de novo B. LANNE com "São Tomé e Príncipe" (pp. 15-17). No segundo, H.J. de DIANOUX escreve acerca de "La Guinée-Bissau et les îles du Cap Vert" (pp. 1-16). Em síntese se referem os autores a alguns factos históricos da colonização, às lutas pela independência, às independências, e situações políticas e económicas actuais dos jovens estados de expressão portuguesa.



IV.

LIVROS E COLECÇÕES

1. Orlando RIBEIRO, A Colonização de Angola e o seu fracasso, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981, Col. "Estudos Portugueses"; 459p. e 7 mapas em fim de texto.

"Angola ficou profundamente ligada à vida nacional"... "A colonização portuguesa de Angola saldou-se por um fracasso que é necessário não iludir para o tentar compreender e explicar". Estas frases do prefácio do livro situam os problemas que o Autor desenvolve ao longo de oito capítulos onde predominam as comparações com outras áreas, quer africanas, quer americanas, e sobretudo brasileiras. Os títulos dos capítulos são os seguintes: I. Angola no contexto do Ultramar; II. África e América - traços comparativos; III. Pródomos da colonização; IV. Opções econômicas, tensões raciais; V. Modos de ver e comentários pessoais; VI. Angola e Brasil - analogias superficiais e evolução divergente; VII. Desenvolvimento tardio de Angola; VIII. O preço da independência. Seguem-se uma Nota Final (pp. 403-407), bibliografia seleccionada e classificada (pp. 407-418), in

díces alfabéticos de autores e outras pessoas citadas (pp. 419-422), de lugares, povos e assuntos (pp. 423-459), e sete mapas em fim de texto. Depois de um mapa de orientação geral vêm esboços de geologia e minas, segundo M. KUDER (Angola. Eine geographische, soziale und wirtschaftliche Landeskunde, Darmstadt, 1971); de relevo, clima, correntes marítimas e pesca, também segundo o mesmo autor; de culturas, florestas e gado, ainda segundo M. KUDER; da distribuição étnica, com a indicação de A. Mesquitela LIMA como fonte, mas não estando ele citado na bibliografia do fim do volume; da população por distritos em 1960; e do número de habitantes nas cidades também em 1960.

"Este livro foi escrito, por um lado, em condições particularmente difíceis da minha vida, com crises de saúde frequentes e prolongadas, interditando-me todo o trabalho; a redacção não podia deixar de ressentir-se destas interrupções. Por outro lado, em vez de um plano rigoroso e pormenorizado, a obra foi-se fazendo aos poucos e aos pedaços: o que primeiro havia delineado em dois ou três artigos extensos foi crescendo, quer em factos e ideias que foram ocorrendo ao meu espírito, quer por aclarações, paralelas e complementares, que pareceram indispensáveis à melhor distribuição do assunto. Muitas páginas foram escritas à sobreposse, lutando contra a fadiga intelectual e física, outras febrilmente, debaixo de grande tensão intelectual, aprazível mas esgotante. O original nem sempre tem unidade e concisão, alguns temas aparecem repetidos nos diversos contextos onde se inserem". Deste modo, na Nota Final (p. 403), o próprio Autor reconhece e antecipa pontos de crítica ao livro, demasiado personalizado, que reflecte o seu modo de ver os problemas da colonização de Angola e o seu fracasso.

O primeiro capítulo abre com recordações pessoais que recuam à juventude quando, por diversas vias, ouviu falar de Angola. Prossegue com notas extraídas de apontamentos recolhidos durante um breve cruzeiro de férias ao Ultramar (1935). Vinte e cinco anos mais tarde regressaria aí em diversas estadias curtas, de poucas semanas, mas em que procurou percorrer, ainda que rapidamente, uma boa parte do território angolano. "Nas observações de campo e nas reflexões que me sugeriram baseei principalmente este ensaio. Gostaria de ter alargado a leitura de livros modernos e principalmente artigos, mas o tempo não dá para tudo e as páginas que se seguem são mais um depoimento do que uma compilação. Peço desculpa ao leitor se dou como minhas, ideias que podem ter ocorrido a outros e de que não

.../...

tive conhecimento" (p. 27). Efectivamente, a leitura do livro terá de ser feita tendo em conta os condicionamentos que o próprio Autor aponta.

O processo de emancipação do Ultramar português, aberto desde a perda do Estado da Índia, sem que disso se tivessem tirado as necessárias ilações (sobre tudo porque decorria uma época em que as outras potências coloniais perdiam os territórios que dominavam), viria a concluir-se logo após a revolução do 25 de Abril de 1974. "O Governo saído do movimento do 25 de Abril de 1974 defrontou-se com o mais grave problema nacional depois da Restauração, que se arrastava há treze anos e que o imobilismo autoritário nunca tinha podido encarar com visão realista" (p. 30). Algumas referências breves às viagens e explorações africanas e ao Ultimatum de 1890, "que vexara o Governo e a Nação" sacudindo do marasmo a vida nacional, às reacções que se manifestaram, representadas, por exemplo, pelos componentes dos grupos da "Escola de Coimbra" (1865) e dos "Vencidos da Vida" (1887), à revolta republicana do Porto (1891), à implantação da República, ainda que incompletas nuns aspectos, demasiado sucintas noutros, servem de contra ponto para o posicionamento da actual crise nacional, social e económica. "Os políticos de várias cores quiseram ver-se livres o mais depressa possível do pe sadelo de uma guerra em três frentes que se arrastava há treze anos" (p. 36). "O Governo não negociou - abdicou -, e nesta "apagada e vil tristeza" se afundou o mais antigo e o último império colonial" (p. 47), sem que isso tivesse marcado um momento de reflexão na "inteligência" portuguesa. "Multiplicaram-se as consagrações à memória do "General sem Medo" e da camponesa alentejana Catarina Eufémia, cobardemente assassinada pela repressão salazarista, mas sobre a tragédia de Timor correu-se um vêu de esquecimento e de indiferença. Triste epílogo de uma dominação de mais de quatro séculos e meio..." (p.39).

No segundo capítulo, como o seu título sugere, é delineada uma síntese comparativa entre os traços físicos e humanos da África e da América, as características dos processos de colonização e evolução histórica (pp. 51-97). Embora curto, o seu conteúdo é demasiado aliciante pela riqueza de sugestões para o estudo de "dois continentes pretensamente simétricos", em que "o fundo étnico da população americana é mais uniforme e mais tardio do que o da África negra" (p. 55), com diferentes técnicas de organização dos espaços. Quanto a nós constitui, sem dúvida, um dos melhores capítulos do livro, à maneira dos ensaios tão ao gosto do Autor e que lhe grangearam especial reputação.

Os capítulos terceiro e quarto, com cerca de uma centena de páginas no conjunto, são dedicados especificamente a Angola: pródromos da colonização (pp. 99-137), e oposições económicas, tensões raciais (pp. 139-206). O primeiro contém referências gerais sobre a viagem de Diogo Cão e o padrão colocado na foz do Zaire (1482), momentos do início da presença portuguesa em terras do rei do Congo; a fundação de Luanda (1576), num sítio litoral do reino de Angola e à porta dos sertões; os presídios de degredo, como pontos de partida e penetração no interior. "Se fossem os espanhóis a ter "conquistado" a Abissínia e o Reino do Congo é provável que aí fizessem um centro de domínio. A ocupação portuguesa não podia ter passado de um fugaz enquadramento feito com traficantes de escravos e com missionários, sem verdadeira e profunda acção nas populações locais. O fracasso do Reino do Congo explica-se como uma excepção no quadro da expansão portuguesa e é dentro dessa lógica que a primeira cidade marítima de Angola foi fundada um século depois dele ter sido abordado" (pp. 104-105). Eis uma perspectiva que merecerá, certamente, a atenção de outros investigadores. Ainda no mesmo capítulo, num esquema clássico são apresentados aspectos geográficos de Angola: os traços do relevo e a sua influência na ocupação humana, sobretudo da colonização; os climas regionais, as paisagens naturais e as principais manchas de ocupação agrícola; a corrente fria de Benguela, a riqueza piscícola do litoral angolano e a fixação de núcleos de pescadores portugueses em vários pontos do litoral meridional. A propósito da agricultura indígena o Autor manifesta claramente a sua admiração por um exemplo que viu no Planalto central, o da "agricultura sábia dos ovimbundo", com prejuízo de outros tipos de organização do espaço não menos importantes e que não são referidos. O capítulo acrescenta ainda observações acerca de "uma esperança frustada: as terras altas da Huíla e a sua colonização" desde meados do século passado; dos equívocos da colonização, comparando-a com a do Brasil - Angola não atrai gente, paralisada, por isso, durante séculos por uma espécie de atonia do seu desenvolvimento; da insegurança e guerras angolanas que sempre afectaram as relações humanas. Recorre, para isso, a alguns exemplos extraídos da História Geral das Guerras Angolanas (A. de Oliveira Cadornega, 1680), dos Ensaio sobre a Estatística das Possessões Portuguesas do Ultramar (J.J. Lopes de Lima, 1846), de Les Guerres Grises. Résistance et révoltes en Angola (R. Pélissier, 1977), e de outros, para concluir que "Angola foi, como já o era no tempo de Lopes de Lima, uma terra de guerrilhas e, pela sua insegurança, uma colónia recente" (p. 137).



As oposições econômicas e tensões raciais, do quarto capítulo (pp.139-206), são apresentadas através de temas muito controversos que, talvez por isso mesmo, ficaram menos claramente expostos. "Existiu em Angola o mundo dos pretos e o mundo dos brancos e, por mais que a retórica oficial o contestasse, eles viviam separados, cada vez mais quanto nos aproximamos dos nossos dias e do longo termo da guerra colonial" (p. 139). O texto inclui longas transcrições de "Angola: Problemas de Geografia Humana" (1962), o último trabalho de Francisco Tenreiro (1921-1963), "mestiço de São Tomé e um dos nossos mais finos geógrafos", elaborado a partir de apontamentos colhidos "depois de rápidas viagens (a primeira com Pierre Gourou e comigo), mas de observações penetrantes" (p. 140). De novo sobreleva o exemplo dos ovimbundo, em relação aos quais também "Tenreiro sentia-se especialmente atraído", ... "tão discretos na sua finura humana e, de todas as populações de Angola, a mais dotada na organização do espaço e a mais susceptível de, conservando tenazmente a sua originalidade, integrar harmoniosamente elementos de influência europeia" (p. 149). No entanto, é bom recordar que os ovimbundo, tomados na sua generalidade, ocupam áreas amplas dos distritos de Benguela, Huambo, Bié, e até do Cuanza Sul e da Huíla, e estão divididos em cerca de uma dúzia de etnias fundamentais! As longas transcrições do texto de F. Tenreiro são justificadas pelo duplo interesse de "mostrar como este geógrafo, africano pelo coração e pelo espírito, podia ter vindo a escrever uma Geografia humana de Angola, que tanto o impressionou numa viagem rápida, e como nessa paisagem humana as marcas portuguesas lhe pareceram relevantes, embora espacialmente esporádicas" (p. 150).

Entre o "mundo dos pretos" e o "mundo dos brancos" floresceu, "como em toda a parte por onde os portugueses se fixaram, a mestiçagem" cujos filhos seguiram "geralmente o destino do pai". Mas, a partir da "década de 50, assiste-se à limitação da mestiçagem, ao declínio da élite crioula, à sua marginalização relativamente à sociedade branca, onde preponderam as pretensões racistas. Entre o mundo dos pretos e o mundo dos brancos cava-se um fosso cada vez mais largo" (p. 153). O tema tem sido caro ao Autor, que uma vez o tem tratado sob o signo da "amorabilidade" tropical, um pouco à maneira de Gilberto Freyre, outras vezes dissecado numa crítica dura com base em exemplos pontuais. É pena que não tivesse utilizado a tese de Gerald BENDER, Angola under the Portuguese. The Myth and the Reality, Londres, 1978, de que já existe uma versão em português (1980), porque

.../...

também aí são analisados os problemas de convívio e repulsa entre raças, comparados com outros na África anglófona, a par de uma crítica ao "lusotropicalismo" de Gilberto Freyre.

Das estatísticas ressaltam a escassez, a modernidade e a não integração do povoamento branco: apenas 8,6% em 1970, num total de 5,8 milhões de habitantes, muito embora o Governo da época tivesse procurado "incrementar a fixação de gente branca, como forma de sobrevivência da colônia" (p. 171). Outros pontos abordados andam em torno das contradições do povoamento; das cidades brancas de Angola - "que fisionomia terão hoje estas aglomerações que por eles e para eles, foram concebidas e executadas" (p. 181); dos quistos brancos dos colonatos, da Ceta e da Matala, acrescentando-se referências ao do Limpopo (Moçambique), em relação aos quais o Autor considera que "o dinheiro que se esbanjou nessa pretensa e fracassada fixação de brancos no Ultramar podia ter sido investido na criação de indústrias e na modernização da agricultura, que afinal veio a fazer-se pela pressão da conjuntura internacional, em plena economia de guerra colonial" (p. 188). São retomados alguns temas, como os da escravatura, da servidão e da corrupção; dos confrontos moçambicanos entre brancos ("a maior parte, porém deixara-se inquirar pelo racismo da África do Sul", p. 196), pretos e orientais (sobretudo monhês e chineses); do esbulho dos povos pastores - a última injustiça em Angola - das terras áridas do Sudoeste angolano; de um presente envenenado da colonização - o alcoolismo, com os seus malefícios sobre as populações negras.

Para o capítulo V, Modos de ver e comentários pessoais, (pp. 207-275), o Autor escolheu um outro tipo de apresentação dos problemas. "Escolhi seis exemplos escalonados por quase um século. Procurei que fossem representativos de diversas atitudes científicas e de contextos políticos diferentes" (p. 207): o historiador Oliveira Martins, no qual "ressuma o pessimismo das suas obras mais famosas, ... e também a informação apenas livresca da África, pouco conhecida e pior afamada"; o geógrafo Elisée Reclus que "esboçou, com mão de mestre um quadro que, embora sobre informação indirecta, constitui, até quase aos nossos dias, o principal repositório informativo do grande e promissor território africano; o geógrafo Silva Telles, que "viu na África, que visitou e onde estacionou por várias vezes, uma reserva para o crescimento demográfico da Europa";

"os dois mais notáveis governadores da província, depois colônia, um no fim da Monarquia e o outro por duas vezes na Primeira República, Paiva Couceiro e Norton de Matos"; e, "finalmente, Marcello Caetano (que) representa a visão monolítica do problema do Ultramar, tal como Salazar a concebeu e impôs ..." (pp.207-208). Assim, com base em textos dessas personagens, "menos (com) o propósito de conhecer ideias destes autores do que de desenvolver as que eles sugerem" (pág. 208), procura mostrar a compreensão que se tinha da colônia africana em várias épocas. "A semente lançada pelo pessimismo brilhante de Oliveira Martins germinara e não eram poucos os que descreiam do futuro de Angola ..." (p. 224). Angola descrita na Geografia Universal de E. Reclus, publicada em 1889, "constitui o primeiro estudo geográfico com orientação científica que se fez da província, tanto mais meritório quanto o autor nunca lá esteve, utilizando apenas os documentos e mapas existentes, aproveitando cuidadosamente a bibliografia portuguesa e estrangeira e socorrendo-se sobretudo de cronistas e viajantes". Além de condensar o texto, junta algumas reflexões, "já porque ele foi, durante mais de meio século, a única fonte de informação sobre Angola para curiosos de coisas africanas que não sabiam português, já porque representa a crença muito firme no estabelecimento dos europeus em África e numa evolução de tipo "brasileiro", que os factos haviam de desmentir" (p. 238). Silva Telles tinha uma visão teórica da "capacidade de transposição da raça branca para condições geográficas completamente diferentes do seu habitat" (p., 239), privilegiando "uma ocupação e valorização nacional da África, deduzida da capacidade que as raças mediterrâneas tinham de adaptar-se aos climas tropicais" (p. 248). Paiva Couceiro, governador-geral de Angola de 1907 a 1909, convictamente monárquico, e Norton de Matos, uma das maiores figuras políticas da República, por duas vezes colocado no governo de Angola, em 1912-1915 e 1921-1924, ambos militares, procuraram os mesmos objectivos: a unidade de Angola, tornando-a uma grande província portuguesa; implantar uma colonização essencialmente portuguesa, com famílias brancas completas. Para Norton de Matos, a experiência de séculos mostrara que "os cruzamentos das raças branca e preta não podiam dar bons resultados e que, pelo menos, durante o largo período em que o povo português tem de levar a cabo na África a alta missão que lhe marca a sua finalidade histórica, esses cruzamentos têm de ser rigorosa e severamente contrariados, para que as qualidades indispensáveis àquela realização se não percam ou se não obliterem" (cit. p. 267). Defendendo o respeito e não o desprezo pela raça menos civilizada, admi



te que teriam de viver "naquela grande região duas raças, a princípio, o mais possível distantes uma da outra", distância que poderia diminuir à medida que a civilização da raça preta a fosse aproximando da branca. Da última personalidade, "um político: Marcello Caetano", recordando-lhe as viagens ao Ultramar, o cargo de Ministro das Colónias e outros, a propósito de uma conferência de 1960 em que é evocada a África tradicional, critica-lhe a "atitude tanto mais de estranhar de quem tão larga responsabilidade teve em formar uma corrente de opinião relativa ao Ultramar" (p. 272), sem contudo confrontar as ideias expressas nessa conferência com outras que emformam trabalhos mais importantes do mesmo autor.

O capítulo VI, Angola e Brasil: analogias superficiais e evolução divergente (pp. 277-315), retoma a forma dos anteriores, de comparações sobre os processos da colonização: esperanças de Angola; colonização agrária do Brasil; pombeiros e bandeirantes; a opulência das minas; fundação do Império do Brasil; comparação com a América espanhola; surto do café e imigração; borraça, cacau e pioneirismo; Brasil e África - encontro e permuta de civilizações; no litoral oeste africano e no Recôncavo da Baía; gerações de cidades; recursos iniciais de Angola; uma grande nação portuguesa na América - são os subtítulos, variados e por vezes de conteúdos dispersivos, faltando-lhes a necessária objectividade. O último, "Angola não será um novo Brasil" inicia-se com a frase "mesmo assim, a ideia de um novo Brasil acudiu a espíritos esclarecidos e empreendedores" (p. 310), inclui a seguir uma comparação em que se afirma: "Uma nação é sempre, embora não apenas, um produto da história: quando o Brasil celebrou um século de independência, tinha atrás de si mais de três de um passado colonial - e o mesmo sucedia às nações americanas, dentro de uma escala mais ou menos apertada, mas da mesma ordem de grandeza. Angola, futuro Brasil, teria, como nação viável, três séculos a menos que a África do Sul, onde o clima subtropical e mediterrâneo atraíu numerosa população branca" (p. 311). Termina com uma frase de P. Gourou, considerada como "chave de ouro" para fechar "a comparação desenvolvida nas páginas anteriores" (p. 314), e em que se reforçam as ideias de outra evolução "se Angola tivesse uma classe cada vez mais numerosa de mestiços lusitanizados conservando parentes africanos", contrariada porque "a presença de demasiados portugueses em empregos humildes impede os africanos de se lusitanizarem" (p. 314), quando efectivamente os problemas são muito mais complicados.



No capítulo VII, o "Desenvolvimento tardio de Angola" (pp. 317-364) é abordado por algumas notas sobre a economia escravagista mantida até finais do século passado, conservando-se Angola como fornecedora de escravos para o Brasil, com uma administração rudimentar e de efeitos negativos. A independência do Brasil e a abolição da escravatura puseram em evidência a péssima situação angolana. O povoamento branco do Sudoeste, tardio e insuficiente, visto durante muito tempo como a concretização de esquemas de colonização idealistas, afinal viria a revelar-se tão frágil como outros processos, pois "mesmo onde ascendia a algumas gerações, não tinha dimensão para se manter" (pág. 350). O surto do café, sobretudo nos anos 50, promotor tanto da prosperidade de Angola como de sociedades ou ricos de Lisboa, teve a par graves problemas sociais e humanos que muito afectaram as populações negras, umas despojadas das suas terras, outras transferidas coercivamente sob contratos para as plantações de café. Aquele surto reflectiu-se ainda no crescimento das cidades, sobretudo de Luanda cuja população quaduplicou entre 1940 e 1960 (224 000 habitantes); novos serviços públicos, a abertura de facilidades para a instalação de indústrias, a renovação do comércio e o aparecimento de outras actividades desencadearam o processo de crescimento urbano caracterizado sobretudo pelo afluxo desmedido de população do mundo rural e do exterior da Província. Das riquezas de Angola necessariamente que teria de haver uma referência especial às mineiras. Com o subtítulo "Uma colônia cerrada à imigração estrangeira" se encerra o capítulo. "Outro erro, que a comparação com a independência brasileira podia ter corrigido, foi procurar atrair apenas a emigração portuguesa, que continuava a fazer-se preferentemente para o Brasil e vários países da Europa, da América, da própria África ..." (p. 363). "Nenhuma outra colônia africana se cerrou tão completamente ao contributo estrangeiro que, como tantos outros erros, se pagou com a intromissão política e a competição económica - triste preço da chamada independência" (p. 364).

O oitavo e último capítulo, "O preço da independência" (pp. 365-402), abre com "guerra e paz nas colônias", não tendo sido as guerras coloniais de pacificação triste apanágio de Portugal, mas também dos diferentes países que partilharam a África; as atitudes assumidas pelos colonizadores durante as duas Grandes Guerras; as independências, no seguimento da 2ª. Guerra Mundial, de soberania, "coarctada por influências políticas e interesses económicos de sencontrados" (p. 367). "A guerra colonial faz-se à custa do pavor e de mor-

tes que causa no inimigo", de crueldades inúteis, exemplificadas abundantemente. Por essa guerra se produziram não só numerosíssimas vítimas, mas ainda modificações importantes do modo de viver das populações, desenraizadas dos seus locais tradicionais para serem agrupadas em aldeamentos da beira da estrada, de mais fácil controlo. "Pior que a acção romana, que mudou o habitat transformando profundamente a economia, aqui não se cuidou desta para colocar ao alcance das metralhadoras a população potencialmente inimiga" (p. 377). O trágico epílogo da colonização está bem presente na memória de todos, não só por que demasiado recente, mas sobretudo pela migração maciça e rápida de cerca de meio milhão de "retornados" saídos de Angola desde os primeiros momentos da situação política criada pelo movimento de 25 de Abril de 1974 em Portugal.

"Angola e Congo: Portugal e Bêlgica" impunha-se sem dúvida, pela proximidade dos acontecimentos, como motivo de "comparação entre a estabilidade da Bêlgica (a despeito de agudas confrontações políticas e de um país dividido entre duas nacionalidades linguísticas), a sua prosperidade, que sobreviveu à perda da mais rica colónia da África tropical, e o colapso económico e político de Portugal, já na miséria e à beira da anarquia" (p. 386). Angola, no contexto da África meridional, é comparada com outros territórios, sobretudo os confinantes. "Os territórios portugueses constituíam uma espécie de baluarte da poderosa África do Sul ..." (p. 391); as independências modificariam essa situação. De Douglas L. WHEELER, em René PELISSIER e D. L. WHEELER, Angola, Londres, 1971, extraíu o Autor alguns parágrafos do último capítulo do livro, Angola Infelix, como exemplo da forma arguta de encarar "a evolução do problema angolano sem de modo nenhum enfileirar entre os que denegriam toda a acção portuguesa, não vendo nela mais do que cinco séculos de escravatura e repressão" (p. 392): "A história de Angola está repleta de erros cometidos pelos seus dominadores; contudo, os problemas que Portugal enfrentou em Angola foram em certa medida mais difíceis do que aqueles com que os poderes coloniais se confrontaram noutros lugares" ... "A independência de Angola é inevitável. Muito menos certa é a forma que tomará" ... "Está em jogo a maneira como os angolanos se tornarão senhores da própria casa - o seu destino longamente sonhado" - são algumas frases desse texto de 1974.

"Chora terra bem amada", título de um famoso livro do escritor sul-africano Alan Paton, em que "estuda as ferozes tensões raciais do seu país, a mar-

ginalização ou a perseguição dos pretos e o esbulho da "terra bem amada", que pertencera aos seus antepassados" (p. 395), serve de base para a breve referência de alguns exemplos da África tradicional e do que ela perdeu nos contactos com a civilização colonizadora, antecedendo deste modo o último subtítulo do capítulo e do livro: "A rasoira da atraente variedade africana" por valores convencionais indiscriminadamente importados e impostos (p. 401) do mundo moderno. O livro é encerrado com uma frase do primeiro volume de Kosmos de Alexander von Humboldt, considerado "um dos mais altos expoentes da cultura da nobre Europa romântica (era) capaz, há cento e trinta anos, de ter pensado e escrito estas linhas" (p. 402) em defesa da liberdade para que todos são igualmente feitos, "que num estado de sociedade pouco adiantada pertence apenas ao indivíduo mas que, entre as nações chamadas ao benefício de verdadeiras instituições políticas, é direito de toda a comunidade".

Sem outros comentários também terminaremos aqui a longa notícia sobre o mais recente livro de Orlando Ribeiro, nome ilustre da ciência portuguesa, jubilado em Fevereiro de 1981.

2. Philippe DECRAENE, Vieille Afrique, jeune nations. Le continent noir au seuil de la troisième décennie des indépendances. Paris, P.U.F., 1982, "Perspectives internationales", 301 p.

Bem conhecido como especialista de assuntos africanos, de que recordamos as colaborações em Genève-Afrique, Le Monde, Revue Française d'Études politiques africaines (Le mois en Afrique), Afrique Contemporaine (Documents d'Afrique Noire et de Madagascar), e alguns livros como Le Panafricanisme (col. "que sais je?", PUF), Le Mali (da mesma colecção), L'expérience socialiste somalienne (edição Berger-Levrault) e outros textos de interesse, neste volume Ph. DECRAENE oferece uma boa síntese da evolução actual da África, abordando problemas ligados às modificações culturais, sociais, religiosas, económicas e políticas do último quartel de século.

O Autor refere como existem na África diversos regimes políticos, desde os mais ou menos liberais aos mais ou menos autoritários, bem como os resultados de algumas experiências democráticas. Páginas de muito interesse são as

que dedica às relações entre a África e os outros continentes, a África católica e o Vaticano aludindo às reacções manifestadas na altura da recente viagem do Papa ao continente. Sob o ponto de vista económico e político acentua a posição da África como "continente marginal" quase "votado a uma forma de subdesenvolvimento perpétuo", mas que continua a enriquecer países fora dele, os quais disputam o seu controlo ou mesmo a posse das suas riquezas. Sobre os tipos de ajuda e assistência técnica chama a atenção para o aproveitamento que tem sido feito pelos "mercenários do statu quo" - utilizando uma expressão de Tibor MENDE, De l'aide à la recolonisation (1972 e 1975) -, os que suportam a monocracia unipartidária. Será de surpreender que os especialistas internacionais façam prova de um sério pessimismo a propósito das perspectivas de desenvolvimento da África negra? (p. 138). O próprio Autor acrescenta que, na realidade, não basta considerar apenas que a África negra está mal partida ; importa sobretudo o facto de a Europa ainda não ter abandonado o teatro africano, dificultando a que os seus países tomem cuidado do seu futuro. Na conclusão geral Ph. DECRAENE dá bem a medida da sua fé no continente africano e faz a apologia do ritmo humano conservado pela alma africana. Resta saber se os jovens Estados, perante os golpes recebidos, poderão ser, por longo tempo, os testemunhos do génio da velha África.

Livro rico de conceitos e de imagens, multivariado, não está isento de faltas. Contudo, nada disso diminui o seu interesse, o ritmo de alguns textos, a riqueza da informação, a originalidade de algumas propostas.

3. R. J. HARRISON CHURCH, West Africa. A Study of the environment and of man's use of it. Londres e Nova Iorque, Longman, 1980, XXXI+526 p., c. 1 centena de figs., 116 ests., numerosos quadros.

Na colecção de "Geographies for advanced study" saiu em 1980 a 8.<sup>a</sup> edição da obra em referência, revista e actualizada, com um capítulo novo sobre "Soils and soil management", escrito por R. P. Moss. O livro mantém o interesse despertado desde a 1.<sup>a</sup> edição (1957), pela clareza do texto e a abundância da ilustração adequadamente trabalhada, pela informação criteriosamente seleccionada e de fácil acesso para todos. No prefácio o autor explica a importância da África Ocidental, tema do livro, pelo facto de estar em contacto com o



mundo exterior hã mais tempo que qualquer outra parte do continente ao Sul do Sara; por motivo da originalidade das profundas alteraçõs polítics, econõmicas e sociais que aĩ sempre tiveram lugar; pelo maior impacto que lhe cabe nas relaçoẽs entre a África e os outros continentes.

Dividido em três partes (depois dos textos do prefácio, de pequenas notas sobre esta edição e a anterior, de nomenclatura geográfica e de uma introdução), na primeira, intitulada "As bases físicas da África Ocidental" (pp. 3-90), são apresentados aspectos da geologia subcontinental, das costas e praias; do relevo e da drenagem; do clima, com suficiente desenvolvimento e muita ilustração; da vegetação, dos solos e sua utilização. A segunda parte abrange, sob o título geral de "Os recursos e o seu aproveitamento" (pp. 92-179), capítulos sobre a agricultura, o gado, as pescas, as riquezas minerais, as fontes de energia, a indústria, os transportes e a população. Tendo sido actualizados os valores estatísticos e outros dados, contudo pouco difere das edições anteriores.

A terceira parte, "As divisões políticas", no sentido de unidades políticas ou estados, começa com uma introdução (pp. 183-191), a que se segue a apresentação de pequenas monografias sobre cada país, que o Autor intitula de modo particular: o Senegal - a base antiga (pp. 192-223); a Gâmbia - um enclave ribeirinho (pp. 224-232); Mauritânia - a ligação com a África do Norte (pp. 233-243); Mali - socialismo marxista num estado do interior (pp. 244-263); Alto Volta - terra dos Mossi (pp. 264-270); Níger - um dedo no deserto (pp. 271-279); Guiné-Bissau - terra de estuários e rios (pp. 280-285), pela actualização do artigo de Orlando RIBEIRO incluído em edições anteriores; Guiné - socialismo marxista em bacias planálticas (pp. 286-302); Serra Leoa - contribuição britânica para a instalação de escravos libertados (pp. 303-326); Libéria - "O amor da liberdade trouxe-nos aqui" (pp. 327-339); Costa do Marfim - alto capitalismo numa terra de grande potencial (pp. 340-354); Gana - terra de cacau e minerais (355-395); Togo - diversidade em miniatura (pp. 396-405); Benim - lar ancestral de muitos brasileiros (pp. 406-414); a Federação da Nigéria - o gigante da África Ocidental (pp 415-481). A citação das páginas dá a imagem dos diferentes tamanhos das monografias e sua importância relativa. Em relação às edições anteriores desapareceram as de Fernando Põ, S. Tomé e Príncipe considerados pelo Autor como melhor colocados na parte ocidental da África Central, portanto, fora do âmbito do livro.

A conclusão ocupa as pp. 482-484, sendo evidenciados vários aspectos: variedade da dimensão e localização das unidades políticas; o facto de todos os países, com excepção da Libéria, terem sido colónias, francesas (9), inglesas (4), e portuguesa (1), cujas independências ocorreram a partir de 1957; tentativas de arranjos regionais (federações) e sua fragmentação; os problemas latentes das fronteiras coloniais; contrastes entre o desenvolvimento das faixas litorais e o atraso do interior; a agricultura, base essencial, e os seus problemas; os perigos da erosão dos solos; industrialização e suas consequências. No fim do volume aparecem notas, referências bibliográficas e cartográficas dispostas de acordo com os 26 capítulos, lista de abreviaturas utilizadas e índices de nomes e termos geográficos. É pena que, entre as numerosas actualizações, o Autor não tivesse incluído dados acerca da última grande seca, que teve tão graves consequências na zona do Sahel; e de acontecimentos políticos ocorridos desde 1974 (data da edição anterior, a 7.<sup>a</sup>). Também, sem qualquer explicação, Cabo Verde não consta da série de monografias da terceira parte.

4. René PÉLISSIER, Le naufrage des caravelles. Études sur la fin de l'empire portugais (1961-1975). Montamets 78630, Orgeval, Eds. Pélissier, 1979, 247 p., 8 cartas.

Juntamente com Les guerres grises. Résistance et révoltes en Angola (1845-1941), 1978, 630 p., 17 cartas, e La Colonie du Minotaure. Nationalismes et révoltes en Angola (1926-1961), 1978, 727 p., 15 cartas, este livro de R. Pélissier constitue uma colecção (Ibero-Africana) que ele próprio editou. Trata-se duma reedição, num só vol., de 21 artigos escritos em diversos jornais e revistas dos quais um, o mais longo, - "Conséquences démographiques des révoltes en Afrique portugaise (1961-1970). Essai d'interprétation" foi revisto em 1974. O interesse de tal artigo está na análise crítica das estatísticas portuguesas na época da resistência anticolonial na Guiné-Bissau, em Angola e Moçambique e na avaliação do número de africanos então refugiados no estrangeiro, bem como dos que viviam nas zonas libertadas (mapas de 1970) e de um exame das afirmações dos movimentos de resistência sobre o número dos que viviam nessas zonas.

A obra compreende 7 artigos sobre Angola. Uns, sobre o nacionalismo e movimentos etnonacionalistas bacongo, foram reutilizados na redacção de La Colonie du Minautaure; o intitulado "La guerre en Angola orientale" oferece o interesse das observações feitas pelo Autor no teatro de operações, perto da Zâmbia, em 1973. O mesmo se poderá dizer em relação a dois dos cinco artigos dedicados a Moçambique, isto é, "Lettre du Rovuma" e "De la guerre au Mozambique", também de 1973.

Sucintos, mas com dados estatísticos (portugueses) analisados são os artigos "Présentation du Cap-Vert" e "Présentation de la Guinée portugaise" (em 1970).

Particularmente interessantes, são também os três artigos tratando de São Tomé e Príncipe. Depois de "Présentation de São Tomé et Príncipe" (1973), "São Tomé ou le poids des siècles" (1968), vem o quadro histórico das duas ilhas descobertas em 1472 e povoadas, tal como Cabo Verde, com portugueses e escravos africanos. O Autor dá pormenores sobre quatro roças que visitou.

O último artigo acerca de São Tomé, "La 'guerre' de Batepá (São Tomé: février 1953)" relata um acontecimento, o mais sangrento que a ilha conheceu neste século, de repressão violenta desencadeada pelo facto de os "filhos da terra" se oporem ao trabalho forçado a que a administração os queria constringer.

5. A. C. ZUIDERVLIEDT, Nigeria. Amsterdão, Koninklijk Instituut voor de Tropen, 1982, 78 p.

Constitui o volume nº 4/1982 de uma colecção daquele Instituto que já conta com muitos títulos, de uma a duas centenas de páginas, por vezes menos, bem elaborados e de apresentação atraente. Pena é que estejam escritos numa língua de restrita difusão internacional como é o holandês, pois poucos poderão aproveitar das informações actualizadas e bem escolhidas que compõem os volumes dessa Landendocumentatie.

Em Nigeria, 78 p., 20 quadros, 16 mapas, 2 figs., e 14 ests., depois da introdução seguem-se capítulos sobre o meio físico, um esboço histórico e a evolu

lução política, a população e o povoamento, a economia em geral, a ocupação agrária, os centros urbanos, e uma conclusão.

O volume anterior, 2-3/1982, De Sahel, na de grote droogte, 142 p., abundante ilustração, tem colaboração diversa (uma dezena) sobre aspectos geográficos dessa zona do Globo tão ameaçada por crises climáticas de efeitos catastróficos, como ainda sucedeu recentemente, com momento mais intenso em 1973-1974.

Outros volumes dedicados a países e regiões da África são os seguintes, por ordem alfabética: Alto Volta (6/1981), Botswana (166/1973), Costa do Marfim (2/1979), Egipto (6/1980), Guiné-Bissau (5/1979), Líbia (175-176/1974), Madagascar (6/1978), Malawi (1/1977), Malí (191/1975), Marrocos (6/1977), Níger (195/1975), Quênia (1/1978), Senegal (4/1980), Serra Leoa (5/1980), Sudão (1/1976), Tanzânia (196/1975), Tunísia (1/1979) e Zâmbia (3/1980). Está anunciado uma acerca da Argélia.

6. M. FORTES, E. E. EVANS-PRITCHARD, Sistemas Políticos Africanos, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, 521 p.

Tradução de um original inglês editado por dois professores, de Antropologia Social da Universidade de Cambridge e de Sociologia da Universidade de Oxford, em 1940, com um prefácio de A. R. Radcliffe-Brown. Os editores apresentam o livro "como a primeira fase de um inquérito mais vasto sobre a natureza e desenvolvimento dos sistemas políticos africanos: o estudo comparado das instituições políticas, de importância para os povos de África". Colaboram vários autores.

Na introdução aqueles dois professores consideram que "cada ensaio é uma condensação de um estudo detalhado do sistema político de um só povo, efectuado nos últimos anos pelos métodos mais avançados de trabalho de campo, por investigadores treinados na teoria antropológica" (p. 27). Tal introdução contém os seguintes pontos (pp. 25-62): 1. objectivo do livro; 2. uma amostra representativa de sociedades africanas; 3. a filosofia política e a política comparativa; 4. os dois tipos estudados de sistema político; 5. parentesco na organização política; 6. a influência da demografia; 7. a influência do modo

.../...



de vida; 8. sistemas políticos compostos e a teoria da conquista; 9. o aspecto territorial; 10. o equilíbrio de forças no sistema político; 11. a incidência e função da força organizada; 12. diferenças em resposta ao governo europeu; 13. os valores místicos associados à função política; 14. o problema dos limites do grupo político.

Pela ordem em que aparecem no livro, são reunidos estudos de oito sistemas que os editores consideram largamente difundidos no continente africano, mas conscientes de que não cobrem todos os tipos de sistemas políticos aí existentes. Todavia, traídos por uma preocupação de síntese, pretendem que "os sistemas políticos descritos neste livro se arrumam sob duas categorias principais - um grupo de sociedades que têm autoridade centralizada ("um governo") e o outro, de sociedades a que falta autoridade centralizada ("sem governo")..." (p. 31).

O reino dos Zulus na África do Sul, é estudado por Max GLUCKMAN (pp. 63-115, 1 fig.); a organização política dos Ngwato do Protectorado da Bechuana lândia (actual Botswana), é de I. SCHAPERA (pp. 117-161); o sistema político da tribo Bemba do Nordeste da Rodésia (Zimbabuê), pertence a A. I. RICHARDS (pp. 163-226, 1 diagrama); o reino dos Ankole no Uganda, deve-se a K. OBERG (pp. 227-293); os Kede, um estado ribeirinho do Norte da Nigéria, tem a assinatura de S. F. NADEL (pp. 295-344, 1 fig.); a organização política dos bantas do Kavirondo, foi escrito por G. WAGNER (pp. 347-410, 1 fig.); M. FORTES contribuiu com o estudo de o sistema político dos Tallensi da Costa do Ouro (pp. 413-468, 1 fig.); e E. E. EVANS-PRITCHARD com outro sobre os Nuor do Sul do Sudão (pp. 469-508, 3 diagramas). A localização geográfica mostra que foram estudados dois casos da África Ocidental (os Kede e os Tallensi) e os outros ficam situados na África Oriental (desde os Nuer aos Zulos). Uma bibliografia suplementar indica quatro títulos de I. Shapera, um de S. F. Nadel, dois de M. Fortes, um de E. E. Evans-Pritchard e um de G. Wagner, com datas entre 1941 e 1965.

Sem podermos negar o interesse dos textos incluídos no livro, tidos já como exposições clássicas sobre matérias tão controversas, lamentamos contudo que não tivesse sido preparada uma nota para esta edição em português, saída quarenta anos depois da publicação do original em inglês. Nesse longo período quantas alterações importantes se deram! Houve uma Segunda Guerra Mundial, em que muitos africanos foram levados a tomar parte nela, como soldados incorpora

dos nos exércitos dos seus colonizadores; a partir de finais desse conflito de sencadearam-se os importantes processos que levaram à independência das anti-gas colônias e a sua transformação em estados soberanos; foram muito importan-tes as alterações políticas, económicas e sociais que afectaram os sistemas indígenas em toda a África.

7. Dialogue pour l'identité culturelle, Paris, Institut France-Tiers-Monde, Ed. Anthropos, 1982, 495 p.

Neste livro se publicaram as Actas da 1.<sup>a</sup> Conferência Internacional com o mesmo título, realizada em Paris, de 26 a 28 de Fevereiro de 1981, na Académie Diplomatique Internationale e na Sorbonne (sessão de encerramento). Organizada pelo Institut France-Tiers-Monde, participaram nela cerca de duzen-tos convidados, provenientes de uns quarenta países, de vários continentes. O Instituto, fundado em Março de 1980, tem por objectivo, de acordo com os seus estatutos, "promover, por todos os meios adequados, novas relações internacio-nais com base no direito dos povos disporem deles próprios, na independência política e económica, na identidade cultural, no espírito de solidariedade en-tre Nações".

A Conferência reuniu cinco grupos de trabalho: identidade cultural e modos de expressão; identidade cultural e evolução tecnológica; identidade cul-tural e independência nacional; francofonia e diálogo de culturas. Na sessão final foi aprovado um manifesto em que se afirmava, nomeadamente, "a identida-de cultural, isto é, a consideração que cada país tem de si mesmo e a imagem sob a qual entende ser reconhecido, constitue o objecto de uma reivindicação universal.... Apenas o diálogo que permita a emergência das identidades cultu-rais e a sua salvaguarda será susceptível de assegurar a instauração de uma nova ordem internacional, em que os estados do Terceiro Mundo encontrarão o lugar que lhes pertence por direito".

No sessão de encerramento tomaram a palavra, além de Dominique Gallet, activo Secretário-geral do "Institut France-Tiers-Monde" (4, rue Charles de Gaule, 78640 Villiers St. Frédéric), os presidentes dos cinco grupos de traba-

.../...

Iho e outras personalidades, como Vitorino Magalhães Godinho (Portugal), Jacques Chonchol (Chile), Lucien Outers (Bélgica), Mohamed Yalaoui (Tunísia), Maurice Couve de Murville (França), e Assane Seck (Senegal). Como V. Magalhães Godinho participaram também A. Teixeira da Mota e o autor deste texto.

A conferência constituiu, sobretudo, mais um momento de afirmação da "francofonia" que a intervenção do Secretário-geral daquele Instituto evidenciou, nos seguintes termos (pp. 431-432 do livro): "Après avoir organisé cette première rencontre internationale des identités culturelles, ..., l'Institut France-Tiers-Monde a le devoir, non seulement de réunir régulièrement ces assises, mais aussi de contribuer à introduire dans la politique française des relations internationales, et en particulier dans le dialogue Nord-Sud, la dimension culturelle. Après les crises successives des premières décennies du développement, inspirées par un économiste aveugle, cette dimension culturelle apparaît comme prioritaire dans la mise en place d'un ordre international plus juste et plus fraternel, auquel, nous tous ici présents aspirons. C'est dans cette perspective aussi que l'Institut France-Tiers-Monde pense qu'il est essentiel que se constitue au plus vite une communauté organique des pays francophones et des pays utilisant le français comme langue internationale. Cette communauté organique, véritable microcosme du dialogue Nord-Sud, doit aussi être un laboratoire interne du dialogue de ses cultures, comme l'initiateur, à l'aube du XXI<sup>e</sup> siècle, d'un authentique dialogue entre les cultures de l'humanité." E terminaria com uma frase de André Malraux, dita há uma dezena de anos em Niamey, numa reunião de representantes de países da África francófona: "Messieurs, en ce temps, où l'héritage universel se présente à nos mains périssables, il m'advient de penser à ce que sera peut-être notre culture dans la mémoire des hommes lorsque la France sera morte, lorsqu'au lieu où fut Florence, au lieu où fut Paris, s'inclineront les joncs murmurant et penchés, alors peut-être trouvera-t-on quelque part une inscription semblable aux inscriptions antiques qui dire seulement: en ce lieu naquit un jour, pour la France et pour l'Europe, puis pour la France, l'Afrique et le monde, la culture de la fraternité."

Em 21 e 22 de Maio de 1982 reuniu a 2<sup>a</sup> Conferência Internacional para a Identidade Cultural, também em Paris e nos mesmos locais da anterior, decorrendo os trabalhos repartidos por quatro comissões: informática e comunicação; cinema e audio-visual; transferências de tecnologia; e investigação científica.



Desta vez não foram distribuídos documentos de base, mas estabelecidos previamente pontos fundamentais para discussão. Isso não impediu que tivessem sido apresentadas diversas comunicações. Na sessão de encerramento, que teve lugar, mais uma vez, no Anfiteatro Richelieu, da Sorbonne, foram oradores Lucien Outers (Bélgica), a quem coube o relatório final da Conferência, Iba der Thiam (Senegal), Mohamed Talbi (Tunísia), Armando Uribe (Chile), Ilídio do Amaral (Portugal) e Dominique Gallet.

Transcrevemos aqui uma parte do relatório que entregamos à Fundação Calouste Gulbenkian, entidade que gentilmente subsidiou as nossas deslocações.

" Organizada pelo Institut France- Tiers Monde e com uma esmagadora maioria de participantes do "mundo francófono" não admira que surtissem com demasiada frequência - mais do que na 1.<sup>a</sup> Conferência - a preocupação da defesa de uma "francofonia" contra a ameaça de "vassalagem uniformizante imposta pelo 'mundo' anglófono" e a sugestão que as "outras esferas linguísticas desenvolvessem esforços idênticos de reivindicação das suas identidades".

Na Comissão de investigação científica as discussões giraram em torno de três pontos: promoção no Terceiro Mundo de uma autêntica investigação científica, de alto nível e adaptada às necessidades dos países respectivos (com formadores franceses para aí destacados); assegurar aos estudantes do Terceiro Mundo (em França) níveis competitivos de formação académica, seleccionados os candidatos por critérios exclusivamente científicos; melhor difusão da informação científica e técnica (francesa) nos países do Terceiro Mundo. A propósito de políticas científicas foram abordados os riscos da transformação de domínios científicos em compartimentos estanques, com sectores fechados também sobre eles próprios, e da tendência para cada um profetizar sobre os seus pequenos fragmentos de erudição, por incapacidade de se elevar ao plano das sínteses. A investigação científica, como foi recordado por diversas vezes, não pode ser vista apenas em termos de equipamentos laboratoriais, de número de equipas, ou da escolha de programas. Ela também é a formação dos investigadores, herdeiros de uma cultura e geradores de progresso; expressão do saber adquirido e seu desenvolvimento; difusão e enriquecimento do saber. E nenhum desses aspectos poderá ser destacado do suporte linguístico, do seu contexto cultural.

Nos dias de hoje põe-se um considerável problema aos países do Terceiro Mundo importadores de tecnologias: as técnicas são elaboradas no exterior e, em regra geral, têm de fazer em 15 anos o esforço de adaptação que terá levado cerca de 150 na Europa! E juntamente com essas técnicas são veiculados valores muito mais amplos, de natureza cultural, que introduzem os problemas das transferências de tecnologias naquele mais vasto do diálogo de culturas. O pior é que, muitas vezes, os próprios quadros dos países do Terceiro Mundo, vecto-



res naturais daquelas transferências, formados em escolas dos países produtores de tecnologias modernas, perderam o contacto com as suas populações de origem. Não basta falar em transferências de tecnologias porquanto o Mundo está comprometido numa revolução tecnológica, que não é apenas uma modificação de técnicas mas também a tomada de consciência da importância da dimensão cultural contemporânea. A apreciação do problema só poderá ter sentido num contexto de globalidade, o que exige a revisão de conceitos vulgarizados do desenvolvimento, o esforço de um reequilíbrio de meios - tanto humanos, como financeiros e materiais - que permita pôr fim, ou pelo menos atenuar, a discriminação que caracteriza as relações económicas e sociais internacionais, entre o Norte e o Sul".

V.

## ESTATÍSTICAS

Com data de Junho de 1982 o "Centro de Documentação Económica (CDE)", da Comissão Nacional do Plano, da República Popular de Moçambique, editou Moçambique. Informação estatística 1980/81, 74 p., numerosos quadros e abundante ilustração.

Depois de uma curta introdução, onde se afirma que "a presente publicação visa fornecer a informação oficial estatal que permita avaliar nos aspectos principais, e nos vários sectores económicos e sociais, o desenvolvimento e esforço realizado nos anos de 1980 e 1981, na perspectiva da batalha desencadeada contra o subdesenvolvimento e centrada na década de 1980-1990", incluem-se as seguintes partes: caracterização política; situação geográfica; área, distribuição da população por províncias e densidade populacional; produção agrária; comercialização agrária; transportes e comunicações; comércio

.../...

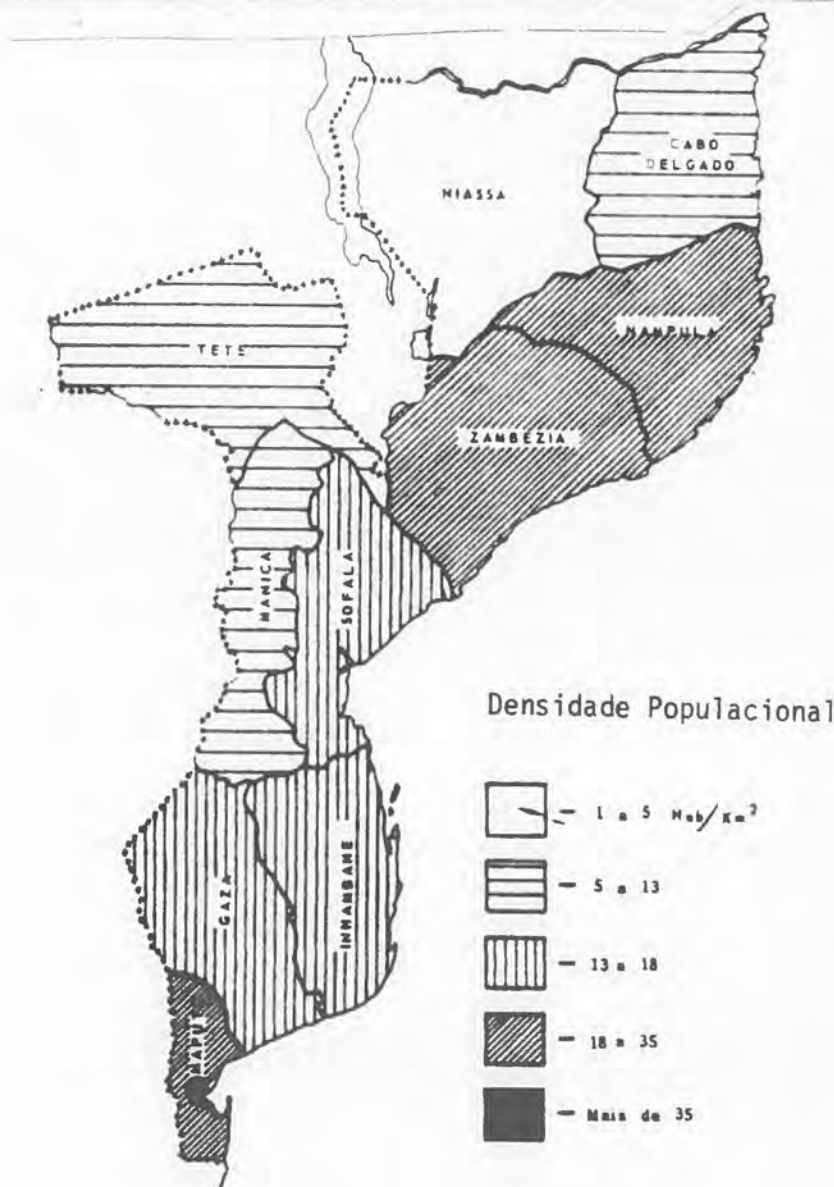
interno; comércio externo; execução do orçamento geral do Estado; saúde; educação; cultura. Em "situação geográfica" foram feitas as subdivisões de localização do País, superfície e fronteiras; orlas marítimas; características geológicas e geomorfológicas; orografia e hidrografia; clima; vegetação; e divisão administrativa.

De tal publicação se reproduzem aqui alguns elementos.



ÁREA, POPULAÇÃO E DENSIDADE POPULACIONAL

| Província                  | Área (km <sup>2</sup> ) | 1 de Agosto de 1980 |                  |                   | 31 de Dezembro de 1981 (estimativa) |                  |                   |                        |
|----------------------------|-------------------------|---------------------|------------------|-------------------|-------------------------------------|------------------|-------------------|------------------------|
|                            |                         | Homens              | Mulheres         | Total             | Homens                              | Mulheres         | Total             | Densidade populacional |
| Niassa .....               | 129 056                 | 246 300             | 267 800          | 514 130           | 256 152                             | 278 512          | 534 664           | 4,1                    |
| Cabo Delgado .....         | 82 625                  | 445 300             | 494 700          | 940 000           | 463 112                             | 514 488          | 977 600           | 11,8                   |
| Nampula .....              | 81 606                  | 1 189 200           | 1 213 500        | 2 402 700         | 1 236 768                           | 1 262 040        | 2 498 808         | 30,6                   |
| Zambézia .....             | 105 008                 | 1 224 600           | 1 275 600        | 2 500 200         | 1 273 584                           | 1 326 624        | 2 600 208         | 24,8                   |
| Tete .....                 | 100 724                 | 393 100             | 437 400          | 831 000           | 408 824                             | 454 896          | 864 240           | 8,6                    |
| Manica .....               | 61 661                  | 307 200             | 334 000          | 641 200           | 319 488                             | 347 360          | 666 848           | 10,8                   |
| Sofala .....               | 68 018                  | 535 200             | 530 000          | 1 065 200         | 556 608                             | 551 200          | 1 107 808         | 16,3                   |
| Inhambane .....            | 68 615                  | 458 100             | 539 500          | 997 600           | 476 424                             | 561 080          | 1 037 504         | 15,1                   |
| Gaza .....                 | 75 709                  | 469 300             | 521 600          | 990 900           | 488 072                             | 542 464          | 1 030 536         | 13,6                   |
| Província de Maputo .....  | 25 756                  | 235 700             | 256 100          | 491 800           | 245 128                             | 266 344          | 511 472           | 19,6                   |
| Cidade de Maputo .....     | 602                     | 404 000             | 351 300          | 755 300           | 420 160                             | 365 352          | 785 512           | 1 305                  |
| <b>Total do País .....</b> | <b>799 380</b>          | <b>5 908 500</b>    | <b>6 221 500</b> | <b>12 130 000</b> | <b>6 144 480</b>                    | <b>6 470 360</b> | <b>12 615 200</b> | <b>15,8</b>            |





## COMÉRCIO EXTERNO

## IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES

(Unidade: 10<sup>6</sup> MT)

| Indicador              | 1980   | 1981   |
|------------------------|--------|--------|
| Exportação total ..... | 11 817 | 13 115 |
| Importação total ..... | 23 200 | 25 783 |
| Saldo .....            | 11 383 | 12 668 |

## EXPORTAÇÕES DE ALGUNS PRODUTOS PRINCIPAIS

(Unidade: 10<sup>6</sup> MT)

| Produtos                                | 1980  | 1981  |
|---|-------|-------|
| Chá .....                               | 1 138 | 1 212 |
| Açúcar e melaios .....                  | 1 628 | 1 583 |
| Amêndoas de caju e seus derivados ..... | 2 161 | 2 100 |
| Algodão-fibra .....                     | 728   | 981   |
| Crustáceos .....                        | 1 111 | 2 027 |

## IMPORTAÇÃO

(Unidade: 10<sup>6</sup> MT)

| Indicador                            | 1980          | 1981          |
|--------------------------------------|---------------|---------------|
| Equipamento .....                    | 4 694         | 4 978         |
| Peças e sobressalentes .....         | 1 928         | 3 776         |
| Matérias-primas e subsidiárias ..... | 10 596        | 11 736        |
| Bens de consumo .....                | 5 982         | 5 293         |
| <b>Total</b> .....                   | <b>23 200</b> | <b>25 783</b> |